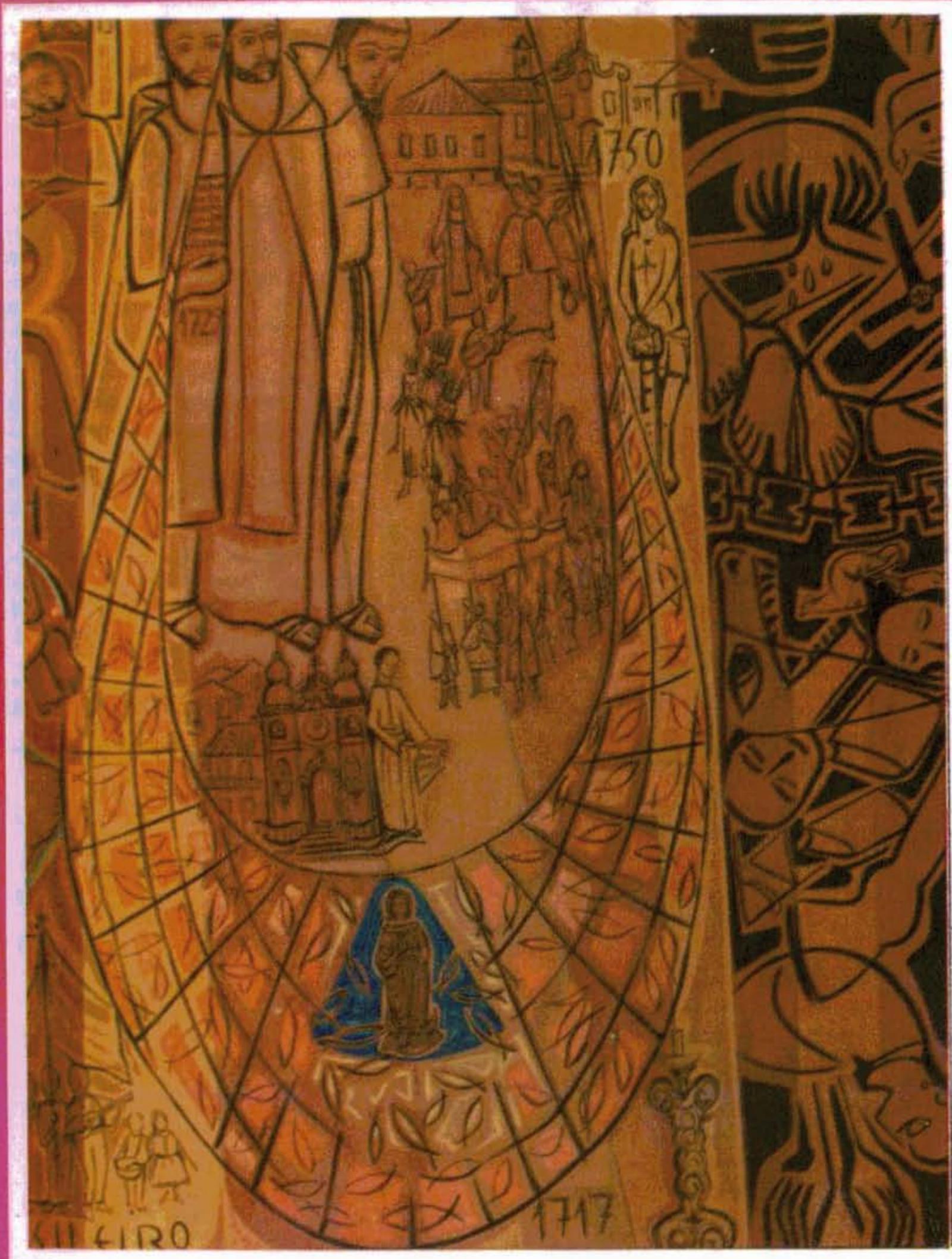


convergência

SET - 1993 - ANO XXVIII - Nº 265



- **A MULHER: DE MEDELLÍN A SANTO DOMINGO**
Irmã Maria Sônia Mueller, SSpS - página 396
 - **SONHOS E SEMENTES**
Grupo de Reflexão Mulher Consagrada - página 411
-

CONVERGÊNCIA
Revista Mensal
da Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Coordenador:
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:
Pe. Ático Fassini, MS
Ir. Lina Boff, SMR
Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º andar
Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1993:

| | |
|--------------------------------|-----------------------|
| Brasil, taxa única: | |
| terrestre ou aérea | Cr\$ 425.000,00 |
| Exterior: marítima..... | US\$ 45,00 |
| aérea..... | US\$ 60,00 |
| Número avulso..... | Cr\$ 42.500,00 |

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 - Benfica - 20911-230 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 - Centro 25685-020 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Cláudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 16: "Na extremidade esquerda da rede temos a presença de três ordens que também influenciaram profundamente a evangelização do país: um beneditino, um carmelita e um capuchinho. O beneditino é Frei Mateus da Encarnação Pinna, que se destacou em sua luta contra o jansenismo e traz em sua mão a "Defensio Purissimae et Integerrimae Doctrinae Sanctae Matris Ecclesiae". Em 1750 temos a fundação do seminário de Mariana, organizado e regido pelos jesuítas. Estes foram expulsos do Brasil em 1759 e não puderam mais influenciar a religiosidade mineira. A religiosidade popular traduziu-se em formas mais folclóricas e intimistas simbolizadas pelo barroco, as "beatas",

as folias de reis, as irmandades (do Santíssimo, dos negros...) e a devoção das cinco chagas representadas pelo homem das dores. O barroco desta época foi caracterizado pela arquitetura e pela liturgia (Sé de São João del Rey e o candelabro), e pela música sacra com o Pe. José Maurício, mulato e mineiro. O Mural entra numa fase escura quando chega a data de 1759: expulsão de mais de 450 jesuítas do Brasil por parte do Marquês de Pombal. O Artista quis fazer uma "Guer-nica" brasileira, tamanhas foram a injustiça e as conseqüências nefastas para a vida social, cultural e religiosa do Brasil, com a expulsão violenta destes religiosos. Uma mão de ferro simboliza Pombal e a manipulação da maçonaria em todo esse assunto. A seguir uma mulher chora desconsolada diante da saída dos jesuítas. Uma pomba morta simboliza toda liberdade e doação extintas. Uma mãe se debruça chorando a sua filha assassinada, lembrando aquela frase de Voltaire: "acabemos com a filha (a Companhia de Jesus) e logo acabaremos com a mãe (a Igreja)". A seguir aparecem rostos macerados e famintos dos exilados. Um animal grita, abrindo aterrorizado a sua boca, diante de tamanha injustiça. A pata do cavalo simboliza o abuso do poder. Por fim, um jesuíta agoniado arranha a terra como para se esconder dentro dela ou para enterrar seu companheiro morto. A expulsão dos jesuítas marca uma fase obscura na história da Igreja no Brasil (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº P-209/73.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|------------|
| EDITORIAL | |
| Independência | 385 |
| INFORME DA CRB | 388 |
| A MULHER: DE MEDELLÍN | |
| A SANTO DOMINGO | |
| Irmã Maria Sônia Mueller, SSpS..... | 396 |
| SONHOS E SEMENTES | |
| GRMC - CRB Nacional | 411 |
| MARIA NO DOCUMENTO | |
| DE SANTO DOMINGO | |
| Irmão Afonso Murad, FMS | 422 |
| INSERÇÃO E PROFECIA | |
| COTIDIANA | |
| Frei Moacir Casagrande, OFM Cap | 439 |
| ESCOLA: TEMA | |
| RICO E DESAFIADOR | |
| Pe. Marcos de Lima, SDB..... | 447 |

EDITORIAL

INDEPENDÊNCIA

Nesta época do ano, em meio a desfiles e cânticos, composições escolares e frases de efeito que se multiplicam nos meios de comunicação social, celebra nosso país a data da Independência Nacional. É um fato político que, todos o sabemos, não pode ser dissociado da independência, da libertação, dos indivíduos concretos que constituem o tecido vivo da nação brasileira. Neste ponto de vista, quantas são as categorias que têm ainda um longo caminho na proclamação de seu 7 de setembro!... CONVERGÊNCIA gostaria de ter presente neste número, de forma particularmente solidária, as mulheres e, mais ainda, as mulheres religiosas, que continuam sua tantas vezes solitária luta por um lugar digno na sociedade. Que este destaque tenha que ser feito (ao passo que não precisamos fazer, ao mesmo tempo, uma pergunta semelhante com relação aos homens, ao menos como categoria em si), o fato simplesmente de que precise existir um movimento feminista, indica que percebemos que há algo de errado na maneira pela qual as mulheres podem posicionar-se em nossa sociedade, e em nossa Igreja Católica. O papel da mulher como um fenômeno teológico importante e promissor em nosso tempo nos faz conscientes de que tudo aquilo que nega a

plena humanidade da mulher não é vontade de Deus e, portanto, não faz parte do projeto divino de redenção para a raça humana. Esta situação emergente é não só promissora como profética.

Numa religião judaico-cristã formada por uma percepção masculina e moldada por estruturas masculinas, Deus tem sido modelado quase que exclusivamente em imagens e papéis masculinos. No entanto, na tradição cristã, ao lado desse Deus masculino nós nos deparamos com uma mulher, Maria. Nela se encontram delicadeza e compaixão, amor incondicional e um cuidado cheio de sensibilidade para com os fracos e os necessitados. Os atributos maternos que foram, de modo geral, negados durante tanto tempo a Deus encontraram nela uma expressão pródiga. Esta visão, em contraste com a visão habitual, predominantemente masculina e dicotômica, enfatiza o caráter inclusivo e unificado da própria realidade. Nela emerge uma interdependência harmônica, — uma **reciprocidade** — para utilizar um termo do Documento de Santo Domingo, não só entre homens e mulheres, considerados igualmente como pessoas humanas plenas, mas também entre a humanidade e a Terra, como algo essencial para a sobrevivência e para o crescimento transformador de toda a raça humana.

Neste quadro homens e mulheres, e não só os homens, são vistos como estando envolvidos de forma central na história da salvação, como sendo igualmente ambos capazes de interagir de modo responsável com seu ambiente e de influenciar o curso dos acontecimentos; ambos igualmente capazes de receber a revelação divina, como já lembrava João Paulo II na sua Carta Apostólica sobre a Dignidade da Mulher, **MULIERIS DIGNITATEM**.

A evolução desta presença da mulher na história, em que cada vez mais surge como **sujeito** e se negando a continuar sendo objeto definido pelo sexo masculino, nos é apresentada pela Ir. MARIA SONIA MÜLLER SSpS, no artigo "A Mulher de Medellín a Santo Domingo". Avaliando os passos dados pelas conferências de Medellín e Puebla, chega a autora ao tempo de Santo Domingo, buscando as causas culturais de resistência à autonomia e libertação da Mulher e afirmando o espaço novo de relações de reciprocidade que reorganizam o espaço social e religioso a partir da fraternidade, do ágape cristão, eliminando toda sorte de privilégios.

O Grupo de Reflexão sobre a Mulher Consagrada, da CRB-Nacional, por seu turno, propõe que o trabalho de reorganização do espaço social e religioso da mulher consagrada passe pela reflexão histórica crítica da memó-

ria da vida religiosa no Brasil, ao mesmo tempo que lança prospectivamente seu olhar para o tempo do Sínodo indicando novas faces da vocação da vida consagrada feminina e dimensões de sua missão na Igreja e no mundo, cultivando sonhos e espalhando sementes...

Ir. AFONSO MURAD fms valoriza, a partir de sua análise de "Maria no Documento de Santo Domingo", o protagonismo latino-americano das mulheres, com sua grande capacidade de resistência, de esperança, de criatividade. Nos setores populares são elas que têm demonstrado maior força para fazer frente ao poder destruidor da crescente miséria, além de serem, na Igreja, a maioria das animadoras de comunidade, catequistas, coordenadoras de grupo e mesmo participantes.

Um outro lugar privilegiado de presença da mulher consagrada em terras latino-americanas é o da inserção em meios populares, que vive talvez um tempo de "inverno", como nos propõe o franciscano capuchinho fr. MOACIR CASAGRANDE. Tempo de cuidar das sementes e das raízes, cultivar a terra e alimentar a memória, como tão bem e sabiamente são capazes de fazer as mulheres.

Que estas diferentes aproximações ajudassem às religiosas a renovar o imenso prazer de fazerem parte do "rosto feminino de Deus" na história da humanidade rumo à sua plenitude, ultrapassando os limites que a cultura, as concepções teológicas e po-

líticas, foram lhes impondo no transcorrer dos tempos. E que nós, religiosos, fôssemos particular colaboradores na constituição dessa comunidade de iguais numa experiência de solidarieda-

de com as mulheres que antecipe a constituição da família escatológica dos discípulos e discípulas do Cordeiro.

P. Spencer Custódio Filho sj

Cresce a consciência do direito à educação

O direito de todos os cidadãos a uma educação básica é reconhecido entre os Direitos Fundamentais da Pessoa Humana; é afirmado, mais uma vez, na Constituição Brasileira de 1988 e é percebido com consciência, cada vez mais clara, por pessoas, grupos e famílias de todas as classes e categorias sociais. Inúmeras entidades e organizações da sociedade civil afirmam, em documento divulgado na sede da CNBB, em novembro de 1991: "A universalização do sistema educacional é o caminho prioritário para o resgate da cidadania e requisito indispensável ao crescimento econômico moderno. Nosso sonho, que acreditamos possível, é que nenhuma criança fique fora da escola". Estamos longe de alcançar a meta de uma "educação para todos". *Documentos da CNBB, 47: Educação, Igreja e Sociedade, 7.*

Educação popular transcende a pura alfabetização

A educação popular tem provocado reações e compreensões diversificadas. Dentre essas, destaca-se para os educandos, uma possibilidade de sistematizar seus anseios, necessidades e apreender um instrumental técnico-científico para a solução de seus problemas. Para os educadores, um constante interrogar-se sobre sua cosmovisão e sua relação enquanto mestre; para os pensadores, um alerta para o perigo de reduzir o conceito 'educação' à instrução acadêmica. Para os políticos, uma constante denúncia da precariedade do sistema oficial de ensino. Para seus propagadores, uma tensão constante, harmonizar planejamento com participação, autoridade com troca de saberes, e instrução técnico-científica com a formação para o exercício da cidadania. Para as instituições de educação, alguns problemas: absorver esta realidade no sistema oficial e reconhecer a capacidade técnico-prática dos profissionais formados na escola da vida. *Documentos da CNBB, 47: Educação, Igreja e Sociedade, 13.*

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

ENCONTRO DO GRUPO DE RELIGIOSOS INSERIDOS EM MEIOS POPULARES: GRIMPO, CONE SUL.

Assunção, Paraguai, de 6 a 12 de fevereiro de 1993.

Nosso encontro se deu em Assunção — Paraguai como GRIMPO — CONE SUL.

Tema: Santo Domingo e o Profetismo cotidiano.

Delegados: Argentina 5, Brasil 7, Chile 2, Uruguai 4, Paraguai 7 e outros participantes.

O Encontro se inaugurou com uma dinâmica de apresentação em um clima de oração inspirado no texto do Evangelho de Lc 24,13ss, os Discípulos de Emaus. Cada país expressou suas preocupações que chamamos como o "inverno" que atravessa o Povo Latino-Americano e sua repercussão em nossa Vida Religiosa Inserida:

— Crise de identidade; cansaço e escuridão; adaptação e suas consequências; desesperança que imobiliza; esfriamento.

Por outro lado nesta realidade escutamos a voz dos profetas que surgem do nosso povo e que nos alenta a esperança.

Sob esta Luz descobrimos: temos que reavivar o fogo; recomeçar com Esperança; renovar a vida; não ter medo.

Nos dias 7 e 8 os países presentes, apresentaram a sua realidade.

Constatamos muitos pontos em comum nos cinco países:

— Transição política, corrupção política e econômica, privatizações, imposição do sistema-neo-liberal.

— Alienação provocada pelos meios de comunicações sociais, sindicalismo em decadência, esfriamento das organizações populares.

— Ao mesmo tempo percebemos que o Povo resiste, luta por suas reivindicações.

— Se organiza, busca, cria formas de sobrevivência.

— A presença marcante da mulher que toma a iniciativa nas lutas populares.

SITUAÇÃO ECLESIAL

— Tendência à "disciplina"; Involução; Controle dos Seminários; Nomeação de Bispos; Cansaço dos líderes.

COMO PONTOS POSITIVOS

Crescimento e interesse do Povo pela Bíblia; Reconhecimento do papel

do leigo; A presença da mulher que vitaliza as comunidades; Ressurgimento das culturas oprimidas; esforço de organização; seminários e Encontros Nacionais e Regionais; Busca permanente de uma Espiritualidade, mística e teologia da VRI; Crescimento, Inquietação e participação por uma inserção mais real no mundo do trabalho; Convicções profundas que a VRI é uma busca permanente.

COMO PONTOS NEGATIVOS

— Dificuldades de articulação das comunidades inseridas por causa da situação geográfica, carência de recursos econômicos, especialmente no interior (lavradores e indígenas).

— Falta de clareza entre Vida inserida e Trabalho Pastoral.

Pela tarde o Pe. Agustin Pereira, Ir. Beatriz Ortigoza e o Pe. Luiz Coscia, nos deram uma visão sobre a Conferência e o Documento de Santo Domingo, estiveram presentes religiosas e religiosos de Assunção que participaram do painel.

Houve coincidência entre todos os expositores de que o documento deve ser lido considerando os Documentos Preparatórios e em continuação de Medellín e Puebla.

Aproximarmos do Documento como Cristãos, como homens e mulheres de fé, mas com espírito crítico.

Documento não profético.

Os Bispos tiveram a ocasião de valorizar a identidade da Igreja Latino-Americana.

Tomada de consciência do aporte da Igreja L.A. à Igreja Universal.

Os pontos fortes do Documento são:
— Nova Evangelização
— Promoção Humana
— Inculturação

A mensagem para a V.R. está contida na globalidade do Documento e não só nas partes que falam sobre Vida Consagrada.

Importante a valorização do protagonismo dos leigos — de objetos passam a ser sujeitos da Evangelização.

As chaves da leitura do Documento são:

— Hebreus 13,8
— Lc 24

SÍNTESES DOS TRABALHOS DE GRUPO QUE RESPONDERAM AS PERGUNTAS

a) Características fundamentais do GRIMPO.

b) Que futuro terá o GRIMPO?

GRIMPO são pequenas comunidades inseridas no meio dos empobrecidos, periferia e interior, vivendo e partilhando solidariamente a vida do Povo.

Existe um consenso de que GRIMPO tem futuro porque há uma busca às fontes do carisma fundacional.

Porque a situação sócio-econômica e política interpela.

Porque as estruturas tradicionais estão em crise.

Porque há uma formação na inserção.

Porque estamos tomando consciência da importância da organização.

Posteriormente Luís Coscia completou nossos aportes:

GRIMPO é um estilo de VR; é um dom do Espírito à Igreja e à Sociedade; é o acontecimento que mais provoca e segue provocando a Vida Religiosa em AL; é paixão; é uma utopia que é a força de antecipar o Reino; se alimenta da memória histórica que impulsiona a seguir a dinâmica do Verbo Encarnado. Citando ARRUPE:

Todos os Jesuítas pelos pobres
Muitos Jesuítas com os pobres
Alguns Jesuítas como os pobres

A última categoria do COMO é a que identifica o GRIMPO.

Nos questionam três perguntas fundamentais:

De que lugar?

Como?

Para Quê?

GRIMPO é um projeto comunitário que se vai discernindo com o Povo.

É um projeto não assistencial, onde o Povo decide e faz.

É apropriar-se dos valores do Povo.

Evangelização: é uma presença amorosa, não podemos dar respostas às perguntas que o povo faz. Temos que aprender seus códigos.

A Igreja não incultura o Evangelho, é o Povo que incultura.

O que entendemos por profetismo cotidiano.

SÍNTESE DA REFLEXÃO DOS GRUPOS

Estar atentos ao que está por trás dos acontecimentos diários e interpretá-los a partir do Projeto de Deus.

— A realidade que nos interpela e nos desafia.

— Uma atitude permanente de vida que revela e mostra de que lado estamos em fidelidade a nossa opção.

— A necessidade de resgatar nosso Profetismo no ser, na essência da VRI.

— Coerência de vida com o Projeto da VRI, permanente no profetismo cotidiano.

— Amar a vida e vivê-la em todos os níveis; viver em comunidade com o Espírito de Serviço e Alegria. Saber ver como as pessoas simples alimentam e fortificam com sua fé, esperança e resistência o nosso profetismo cotidiano.

— O testemunho que acompanha a palavra numa prática coerente, numa atitude de atenção e escuta, na convivência diária.

— A vida que acontece em sua plenitude, no cotidiano e a prática de Jesus que nos ensina isto.

Ao trabalho de grupo Luís Coscia completou:

A vida religiosa é profética em suas raízes, mas temos que nos perguntar, de que lugar queremos viver a dimensão protética.

Nos propôs como referências:

— As Constituições de nossas Congregações

— Vaticano II

— Voltar as Fontes

— Atenção Amorosa aos Sinais dos Tempos

— Fazer a memória histórica da fundação e do começo da Missão em A.L. Fazer isto é fonte de vida.

— Fazer uma memória histórica da vida do dia-a-dia.

Não lê-la com a história oficial da congregação;

Não lê-la com a história oficial elaborada nos decretos;

Fazer a leitura, elaborar a história a partir dos pequenos.

(Espiritualidade do grão de mostarda).

VIMOS

VRI é profundamente Evangélica. Não é uma questão de eleição, é um chamado e exige o fundamento de uma espiritualidade, que a sustente. Experiência fundante do amor de Deus, a experiência do serviço, de quem põe o avental para servir os últimos, revela um Deus a serviço.

A VRI é a atitude do Samaritano que superou todas as leis, por quê? Porque no amor não cabem regras, Direito Canônico, etc. Quem sabe se os herejes, e as seitas são nossos mestres? Minha consagração a Deus é válida, somente se me consagro também ao Irmão(ã) ao Povo. Não posso consagrar minha vida a Deus que não vejo, se não me consagro aos Irmãos a quem vejo. A VRI se justifica por si mesma.

SÍNTESE DOS PASSOS A DAR

1. Resgatar a memória a nível: GRIMPO, CONGREGAÇÃO, POVO, COMUNIDADE, BAIRRO.

2. Buscar juntos: Caminhos de Espiritualidade. Articulação de forças. Celebração da vida.

3. Apoiar todas as organizações populares mesmo que sejam ambíguas (fazer discernimento).

4. Maior participação nas lutas dos trabalhadores.

5. Estar mais próximas, presente onde a vida está mais ameaçada.

6. Caminhar para uma VRI itinerante.

7. Formar NA e PARA a Inserção.

8. Trabalhar a Ecologia na Inserção.

9. Aprofundar a Inculturação.

LINHAS DE AÇÃO QUE DEVEM ANIMAR A VRI NO CONE SUL

1. Estar presente onde a vida é ameaçada.

2. Buscar juntos caminhos de Espiritualidade. Articulação de forças. Refazer a memória.

3. Apoiar todas as organizações populares com uma prioridade no que se refere ao Ecológico.

4. Seguir aprofundando a Inculturação e a Formação na e para a Inserção.

Concluímos o dia com a celebração Eucarística que recolheu os sinais de resistência de cada Povo.

A convivência alegre e Fraternal se realizou em volta do fogão.

CONCLUSÃO

O sentir-se Latino-Americano aflorou em nosso SER nestes dias de Encontro do Cone-Sul.

Percebemos muitos pontos em comum no nosso jeito de viver, festejar e resistir à opressão.

Ficou muito claro que o NEO-LIBERALISMO age de forma continental e mundial, o massacre é o mesmo em todos os países.

Saímos de Assunção conscientes do Papel da VRI na "PÁTRIA GRANDE". Apesar de todos os impasses do momento presente, é hora de fincar pé onde a vida é mais ameaçada. "Fincar Pé" significa continuar a luta, gerar vida onde a morte fala mais alto, e não desanimar no caminho que religiosas (os) traçaram nesses últimos 30 anos.

Para continuarmos no caminho, devemos nos alimentar de uma Espiritualidade que sustente. Experiência fundante do Amor de Deus. A experiência do Serviço, de que põe o avental para servir aos últimos, revela um Deus a serviço.

Foi falado que nossa caminhada no Brasil é sinal de esperança para os outros religiosos do continente. Isto nos deve fazer mais humildes e continuar as lutas nos Meios Pobres.

O próximo encontro CONE-SUL terá como tema: ECOLOGIA E VRI-PRESENÇA ONDE A VIDA SE ENCONTRA MAIS AMEAÇADA. O Brasil sediará o Encontro que acontecerá no 1º semestre de 1995.

TESTEMUNHOS DE RELIGIOSAS INSERIDAS EM MEIOS POPULARES

1. Irmã Maria Gildete da Silva Periferia do Grande Recife Irmãs Missionárias Carmelitas

Faz 12 anos que moro em comunidades inseridas no meio do povo. Ini-

ciei no 2º ano do noviciado. Senti como continuidade da minha história familiar, das minhas raízes: talvez com uma diferente maneira de ver a realidade, de perceber e acolher os valores existentes na convivência com o povo. Foi a partir desta convivência nos encontros do dia-a-dia, nos momentos de orações, celebrações, nas organizações e lutas, nos confrontos com representantes políticos, nas festas da comunidade ou das famílias que vivi a minha formação inicial, buscando me aprofundar na experiência do Deus vivo, dinâmico que se revela na defesa da vida, nos gestos fraternos do povo, no jeito próprio de festejar a vida mesmo dentro do sofrimento e na luta pela sobrevivência.

A formação que se dava nos encontros do noviciado intercongregacional, das pequenas Comunidades inseridas de todo o Recife, e da própria congregação — se tornavam bem mais claros e até ilustrados com a vida junto aos empobrecidos que nos ensina a confiar sempre a não ter medo de arriscar, a contar com o outro, a viver de fato uma relação de Irmãs, numa comunidade ampla — que não se resume ao pequeno grupo das Religiosas. Nos ensina também que numa relação de irmãs não somos nós que sabemos de tudo ou que fazemos tudo, somos apenas umas com as outras.

Hoje estou fazendo parte da comunidade formadora do 1º ano de noviciado da minha Congregação. Também na periferia. Vejo como é importante a localização da casa de formação aqui no meio popular, o quanto facilita para uma participação gradativa das noviças no bairro, nos momentos fortes do povo e o quanto tudo isso traz elementos concretos para nossas orações, estudos e

discernimento para a prática missionária.

Nessa relação gratuita que vivo com as noviças e com toda a comunidade, como integrante de uma Congregação cujo carisma é "Disponibilidade para a Missão no Meio dos Empobrecidos" dentro de uma espiritualidade Carmelitana e cujo lema é "Ide aonde ninguém quer ir", para mim fica claro que ser Carmelita é **contemplar** a realidade dos empobrecidos, ouvindo o seu grito e assumindo sua causa, vivendo com eles a **fraternidade** e sendo uma **presença profética**.

2. Irmã Maria José César de Albuquerque Missionária de Jesus Crucificado

Será difícil para mim, resumir em 50 ou 150 palavras, o que é significativo para a Vida Religiosa Inserida, isto é no meio do povo.

Há mais de 20 anos que trabalho em Pequenas Comunidades Inseridas, o que me faz viver em profundidade a Vida Religiosa. Isto dá mais sentido ao Carisma da Congregação que é: Ir em busca dos Irmãos, "empenhando-nos na libertação integral do homem todo e de todos os homens especialmente dos mais necessitados".

Como nos entusiasma ver a caminhada dos trabalhadores rurais, que mesmo sem saberem ler, crescem visivelmente na descoberta de seus valores.

Quando estudamos a Bíblia com grupos deste tipo, que descoberta fazem! São verdadeiros teólogos populares embora não tenham um conhecimento de teologia. Isto não é maravilhoso?

Depois de um estudo sobre o Povo de Deus no A. Testamento, o Espírito do Senhor, leva este povo a se organizar e reivindicar seus direitos.

Como foi gratificante e me levou a glorificar o Senhor, quando na seca, os trabalhadores, vendo a morte de seus filhos, sem o pão para matar sua fome, foram exigir dos órgãos competentes, frente de trabalho. Este trabalho seria na própria Comunidade. Seus roçados estavam precisando ser cultivados. As estradas que davam acesso aos sítios, Incomunicáveis.

Porque trabalhar para os latifundiários, se nós pequenos agricultores, temos trabalho em nosso campo?

Confiante na libertação do povo que nasce do próprio povo, anima-me a continuar na missão junto aos empobrecidos, como Religiosa, frente aos desafios da realidade da América Latina.

3. Ir. Ursula Van de Ven 17 anos de inserção

Vida religiosa inserida para mim é estar presente no meio daqueles que não tem nenhum objetivo na sua vida, se não sobreviver.

É estar presente como amiga, como uma pequena luz em cada momento da vida deles.

Não é fazer grandes coisas, mas é estar presente e saber que na favela o povo espera por você;

É saber que na favela dizem "o ar mudou desde as irmãs moram aqui";

É saber que o povo está preocupado quando você está doente;

É saber que o povo espera por você nos momentos de tristeza e de alegria;

É saber que na favela você sente "como não fez nada todos estes anos".

Mas sabe que na favela o povo se sente mais gente porque agora sabem falar, sabem se reunir, sabem lutar e sabem celebrar a vida.

E como religiosa sinto que minha vida tem valor no meio destes preferidos de Deus, quando escuto as histórias e os problemas deles, quando estamos rezando como pequena comunidade no meio deles, quando respondo "ó de fora", quando de novo na porta chega alguém batendo palmas e chamando "ó de casa".

4. Ir. Alayde Rosa Baldoni **9 anos de inserção**

Em resposta à sua carta de 10 de abril, passo a descrever um pouco da nossa vida no meio do povo; é bem simples a nossa presença no meio do povo pobre, aqui do Bairro Heliópolis, Conjunto Indiano, na periferia de Garanhuns, onde vivemos. Porém, o significado maior se dá pelo fato de estarmos sempre zelando pela VIDA, prontas a atender as mais diversas solicitações dos pobres: de cura, de alimentos, de orientação, etc., etc. O dia todo tem gente precisando de nós e nós precisando dela, para aprender a vivência do Evangelho e o seguimento de Jesus.

Nosso Projeto de atuação é no campo da saúde e educação popular alternativa. Acontecem verdadeiros milagres! Inclusive a nossa casa de tratamento e treinamento de saúde, com barro, água, plantas medicinais se chama "Milagre da Natureza", por escolha do povo. Às

vezes bastam alguns elementos naturais, acompanhados de atenção e amor, para que as pessoas se sintam bem, "de pé" novamente, com uma nova visão da **mãe terra, de Deus**, de toda natureza! São momentos profundos e indiscritíveis de contemplação! É Deus!

Diariamente atendemos a um grupo de trinta crianças, mais ou menos, das mais carentes do bairro. Temos por objetivo acolher e valorizar a criança de rua, zelar pela sua vida, proporcionando-lhe oportunidade de alimentar-se diariamente com os produtos da natureza, de participar de treinamentos e educação básica em vistas à higiene pessoal, limpeza, saúde, relacionamento social, diálogo, formação e iniciação aos hábitos de trabalho na terra, à corresponsabilidade e observância de horários e pequenas tarefas de serviço. E também de brincar em conjunto, partilhar brinquedos e espaços. Trata-se de um trabalho difícil, mas muito gratificante e consolador.

Um dia na semana, nos encontramos com um grupo de mulheres para a leitura e reflexão da Palavra de Deus na Bíblia e na vida. Há partilha de luzes, sofrimentos e alegrias! Neste grupo nascem gestos fraternos de solidariedade e partilha do pouco que cada uma tem, em todos os sentidos: bens materiais experiências no campo da saúde e educação dos filhos, etc.

Há encontros também com toda comunidade, à noite, nas casas das famílias, para contar as histórias da vida, os desabafos, à fé, a esperança, etc. e para ler e refletir a Palavra de Deus na vida, para rezar e para abençoar uns aos outros.

São momentos felizes de encontro com Deus e com os Irmãos, preparados

desde as primeiras horas do dia, quando em casa nos unimos para o Louvor da manhã, a celebração da Palavra e da Eucaristia.

5. Ir. Maria Dorotéia Diederichs — icm 17 anos de inserção

Eu me sinto com dois privilégios, e dois desafios nessa minha vida no meio do povo. Em primeiro lugar, eu vivo e me engajo com um povo que vive na área da cana de açúcar. É tanto que posso dizer que aprendi do próprio povo relacionando com ele, conversando, e rezando junto com ele. Mas, também, tomei lições do próprio ciclo da cana, preparação da terra, plantação, limpeza, adubando, queimando, e finalmente o próprio corte, e a moagem. Esse povo luta sempre pela sobrevivência. Um povo sofredor. O que é que eu tenho para compartilhar? Alguém que anda, um pouco com eles, que lembra de um Deus que quer que a "vida" seja melhor, que juntos podemos conquistar, ou melhor criar uma vida "em abundância"? De andar ao lado daquele que sofreu um atentado na sua vida, porque lutou

contra os grandes para ter direito a um pedaço de terra que pode chamar "seu". Que grande desafio! A coragem, persistência, que é mais forte do que o medo, que nos leva à lugares que nunca pensamos.

Mas no outro lado, eu me engajo com a CRB, onde meu privilégio é de acompanhar de perto a caminhada das Pequenas Comunidades de Religiosas do nordeste. Aqui, com as minhas irmãs e meus irmãos, juntos, levantamos questões. Qual é o nosso papel junto com esse povo sofredor, hoje, última das consequências da grande seca, onde tanto as plantas e o gado como o povo morrem por falta de água — e ainda amanhã, será ameaçado pelas águas que vão inundar as terras, porque o governo vai construir uma barragem. Aqui é o desafio... Qual a palavra de Jesus que levamos? O que é "evangelizar"? Mas é aqui justamente, que juntos, refletindo, e caminhando, que novos caminhos se abrem, que nós nos encorajamos e nos desafiamos, uns aos outros, cantando juntos: "Virá um dia em que todos ao levantar a vista, veremos nesta terra, reinar a liberdade." □

Educação popular

A educação popular inclui e transcende os aspectos da pura alfabetização. Atua na perspectiva de sistematizar, valorizar e divulgar os conhecimentos constituídos nas relações sociais. A educação popular concebe, assim, as relações sociais como lugar privilegiado dos processos educativos. A família, a Igreja, as associações, os sindicatos, os ambientes de trabalho e estudo, e demais espaços de participação política constituem meios para a formação do cidadão consciente. *Documentos da CNBB, 47: Educação, Igreja e Sociedade, 12.*

A MULHER: DE MEDELLÍN A SANTO DOMINGO

A questão Mulher na Igreja, hoje, já não pode ser considerada como uma questão periférica ou secundária. É uma questão de base para as mulheres e os homens.

Irmã Maria Sônia Mueller, SSps
Ponta Grossa, PR

Estamos vivendo, em nossos dias, uma *revolução* de amplitude mundial, nos diferentes campos da vida humana, de modo especial, pelo acordar da consciência da Mulher.

O acordar da consciência histórica da Mulher, que vem se intensificando nas últimas décadas, é um fenômeno abrangente e complexo; está presente nos diferentes países, nos diversos contextos sócio-culturais e em todas as classes da sociedade.

Este movimento permite vislumbrar um momento novo e qualitativamente diferente que começa a tomar corpo na história da humanidade. A Mulher emerge como sujeito e se nega continuar sendo *objeto* definido pelo sexo masculino.

Vemos, com alegria, como a Mulher está participando, a seu modo, da grande mutação que está sendo gestada lentamente, com muito conflito, no ventre da humanidade. É fundamental que as Mulheres deixem de ser apenas biologicamente procriativas para passarem a ser culturalmente criativas.

Lamentavelmente, para muitas mulheres e homens dos nossos dias, a libertação da Mulher é ainda um assunto completamente novo. Nem por isso se pode negar a atualidade da questão que vem tomando força já há quase dois séculos.

Sabemos que em todas as épocas da História existiram mulheres que oferecem resistência e lutaram contra a milenar discriminação com base no sexo. A partir do século XX essa luta assume característi-

cas de um movimento amplo, que vai atingindo todas as esferas da vida humana e social, e passa a ser conhecido como "movimento feminista".

O físico F. Capra diz: "*O movimento feminista é uma das mais fortes correntes culturais do nosso tempo e terá um profundo efeito sobre a nossa futura evolução*" (1).

No coração desta mudança, desta *desordem*, uma nova ordem está surgindo, um novo paradigma está emergindo e ele exige, necessariamente, uma reorganização do mundo, uma nova partilha de tarefas, um novo sistema de divisão de trabalho, uma participação mais equitativa nas grandes decisões políticas, um equilíbrio da presença masculina e feminina nos diferentes ambientes e setores da vida humana.

A sociedade patriarcal, diante dessa realidade, sente-se sacudida nos seus fundamentos; os Homens estão sendo questionados em seu privilégio de monopolizar a condição de agentes éticos; já não é auto-evidente para os Homens e as Mulheres que *homens fazem cultura enquanto que as mulheres geram bebês*.

A Igreja Católica, a princípio, condenou o feminismo no conjunto dos chamados *erros modernos*. O fato da emancipação da Mulher ser defendida por forças laxistas, anticlericais e, depois, socialistas, contribuiu para que a Igreja percebesse, aos poucos, a verdade cristã presente no feminismo.

João XXIII, na Encíclica *Pacis in terris*, assinala a promoção feminina como um dos três grandes sinais dos tempos juntamente com a ascensão das classes trabalhadoras e dos povos do terceiro mundo. O Papa assim se expressa:

"*O fato por demais conhecido do ingresso da Mulher na vida pública (...). Torna-se a Mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não sofre mais ser tratada como um objeto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres concertantes com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social*" (2).

O Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* condena qualquer discriminação por ser contrária ao plano divino.

"... *deve ser superada e eliminada por ser contrária à vontade de Deus, qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, por razões de sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião*" (3).

O mesmo Concílio convida todas as instituições humanas a superarem dentro de si essas barreiras discriminatórias:

"... *lutem denodadamente contra qualquer espécie de servidão... salvaguardando os direitos humanos fundamentais. Além disso, é necessário que estas instituições pouco a pouco se adaptem às realidades espirituais, que são as mais elevadas de todas; embora por vezes se requeira um tempo razoavel-*

mente longo para chegar ao desejado fim" (GS, 29).

Olhando para a América Latina, para a nova produção teológica, a Teologia da Libertação — fruto e, ao mesmo tempo, geradora de uma nova práxis pastoral — trabalhou muito bem as questões do pobre e da justiça social; mas percebemos que esta teologia não deu conta da questão Mulher e a prática eclesial, em relação a Mulher, continua discriminatória.

A libertação da Mulher constitui um verdadeiro desafio, um caminho a ser aberto e percorrido, entre inúmeras dificuldades e conflitos, não só na sociedade, mas no seio da própria Igreja que é profundamente marcada pelo patriarcalismo.

A libertação não é fruto do voluntarismo libertário, ela não é óbvia, acontecimento do acaso. A libertação, da Mulher e do Homem, exige uma vocação libertária e condições históricas que a fazem possível.

A nova postura, em relação à Mulher, nasce na medida em que se instauram novas práticas, novos relacionamentos entre homens e mulheres. Esta nova prática vai criar e firmar um novo imaginário, que dará suporte às mudanças que serão, certamente, muito profundas.

A questão Mulher na Igreja, hoje, já não pode ser considerado como uma questão periférica, ou secundária, mas é uma questão de

base, central, tanto para as mulheres como para os homens, e exige revisão de toda reflexão e prática eclesiais.

Neste artigo queremos fixar nossa atenção sobre o que conseguiu sobreviver nos documentos conclusivos das Conferências do Episcopado Latino-americano de Medellín (1968), de Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), em relação à Mulher; fazer alguns destaques e comentar alguns aspectos que aparecem nos documentos.

Os textos que se referem à Mulher, nos três documentos, são transcritos para que todos tenham acesso aos conteúdos e possam continuar comparando e aprofundando o tema.

1. A MULHER NO DOCUMENTO DE MEDELLÍN

Medellín está inserido num contexto eclesial pós-Vaticano II, onde a Igreja dá um grande respiro de abertura e volta-se para as realidades que a desafiam; o momento político é marcado pela organização da classe popular em busca da libertação.

"Podemos dizer que os grandes acontecimentos eclesiais e teológicos da Igreja Universal de 1962 a 1968 foram acolhidos e interpretados na América Latina, a partir de uma prática social e política diferente daquela das Igrejas centro-europeias. Os textos não são aplicados na América Latina, mas reinterpretados a partir da América Latina. Tal inversão é evidente na Se-

gunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Medellín, 1968" (4).

É importante lembrar que a Teologia da Libertação já estava nascendo antes da Conferência de Medellín; e o processo de libertação na América Latina e a experiência dos cristãos nesse processo, são igualmente anteriores à Teologia da Libertação.

A descoberta da sucessão histórica desses três acontecimentos: libertação — Teologia da Libertação — Conferência de Medellín nos dá a chave de sua compreensão.

Medellín dará uma expressão oficial e uma dimensão eclesial a processos históricos já existentes.

A própria Conferência se realizou num contexto histórico difícil e de duros confrontos, que nada teve de eufórico nem de triunfante.

As *minorias proféticas* souberam construir a mediação necessária entre a globalidade da realidade histórica e a maioria das Igrejas. Dessa mediação profética surgiu o espírito que animou Medellín.

O documento de Medellín nasceu à luz do Vaticano II e a partir da realidade latino-americana, porém, o espaço reservado à questão Mulher é minúsculo, não passa de uma frase.

1.1. Não basta reivindicar

Medellín trouxe à Igreja latino-americana uma grande abertura. Voltou-se em profundidade para o

pobre e para a questão da justiça, porém, não percebeu as enormes diferenças de tratamento, de salário, a discriminação, a exclusão e opressão, os tabus que a sociedade machista conserva, a mentalidade coletiva sedimentada que vê a Mulher como um ser inferior.

Certamente a questão feminista ainda não tinha emergido o suficiente nos meios eclesiais latino-americanos ou, pelo menos, ainda não tinha aflorado com o vigor necessário para ser assimilado oficialmente. E também, não podemos ignorar a solidez e profundidade da estrutura patriarcal muito bem estabelecida em todos os setores da organização social e religiosa e em todos os níveis da própria pessoa.

Assim, no documento encontramos uma única referência, explícita, à Mulher. O texto diz: "*a Mulher reivindica sua igualdade, de direito e de fato, com o homem*" (5).

A presença da Mulher no documento de Medellín aparece com um caráter reivindicatório. A reivindicação é importante, mas a organização feminista deve ultrapassar as fronteiras do objetivo reivindicatório.

"Ultrapassar as fronteiras reivindicatórias significa tocar no problema antropológico maior, isto é, não se limitar a conseguir lugares semelhantes ou iguais aos homens, mas buscar uma reorganização da sociedade no seu conjunto" (6).

O grande passo de Medellín é o reconhecimento da situação de in-

justiça e opressão em que vivem as nações do Continente. É nesse clima de descoberta e opção da Igreja latino-americana que vai ser incorporada, nos anos seguintes, a questão da Mulher e de sua luta libertária.

Enquanto o documento de Medellín reserva apenas uma frase sobre a Mulher, o documento de Puebla, fruto da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (1979), já consagra alguns números à questão Mulher, que deve ser considerada como uma questão de toda a humanidade.

2. A MULHER NO DOCUMENTO DE PUEBLA

A terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla de los Angeles, México, 1979, foi a confirmação do dinamismo evangélico empreendido em torno de Medellín.

Puebla manteve o método VER, JULGAR, AGIR, tão usado em nossas atividades pastorais e estabeleceu como prioridade a opção preferencial pelos pobres e pelos jovens.

Embora se fale da mulher em várias partes do documento, a Assembléia tratou, especificamente, da questão Mulher, na terceira parte do documento, no capítulo II, item 3.6.

O documento abre um espaço consideravelmente maior do que Medellín, para refletir a questão fe-

minina, *"sob o aspecto de sua contribuição concreta para a evangelização no presente e futuro da América Latina"*. Faz uma profissão de fé dizendo: *"Professamos que todo Homem e toda a Mulher, por mais insignificantes que pareçam, têm em si a nobreza inviolável que eles próprios e os demais devem respeitar e fazer respeitar, incondicionalmente..."* (P. 317).

Certamente Puebla sofreu a influência do movimento feminista que toma novo vigor em meados da década de setenta, por ocasião do Ano Internacional da Mulher.

Nesta época tem início em nossa Igreja uma reflexão mais sistemática e abrangente sobre a Mulher, partindo de nossa realidade e levando em conta os diferentes movimentos feministas já existentes na sociedade e mesmo dentro da Igreja, em diversos países.

2.1 O que diz o Documento de Puebla

Puebla recolhe aspectos desse debate. Denuncia a marginalização da Mulher *"como consequência de ativismos culturais e reconhece sua quase total ausência na vida política, econômica e cultural"* (P. 834).

Constata uma série de situações que afetam especialmente a dignidade da mulher:

— *O aumento da prostituição feminina por causa da situação econômica* (P. 835).

— A falta de cumprimento ou elisão das leis de proteção à Mulher no setor operário (P. 836).

— A sobrecarga de trabalho da Mulher que trabalha nas tarefas domésticas e profissionalmente e, muitas vezes, assume toda responsabilidade do lar por causa do abandono por parte do marido (P. 837).

— Lembra a situação das empregadas domésticas que, muitas vezes, são exploradas e recebem maus tratos (P. 838).

— Na Igreja, diz Puebla, não tem havido suficiente valorização da Mulher e, no nível das iniciativas pastorais, sua participação é ainda escassa (P. 839).

— Reconhece também a legitimidade da organização das mulheres para “exigir o respeito a seus direitos” (P. 836), e vê como positivo o surgimento de organizações femininas que trabalham por conseguir a promoção e incorporação da mulher em todos os âmbitos (P. 840).

— Como princípio, Puebla sustenta a igualdade e dignidade da Mulher com base na teologia da criação e defende sua participação na missão da Igreja, como discípula de Jesus Cristo a exemplo de tantas mulheres da Bíblia — sobretudo de Maria — que marcaram presença na vida do seu povo e na tarefa da evangelização (Cf. P. 841-844). Por fim, convoca a Igreja a contribuir para a libertação da Mulher, dizendo:

“A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da Mulher, ajudando-a assim a sair de situações de marginalização em que se possa encontrar e capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial no mundo” (P. 849).

O documento de Puebla salienta como “sinais positivos, a lenta, mas crescente inclusão da Mulher em tarefas da construção da sociedade, o ressurgimento de organizações femininas que trabalham por conseguir a promoção e incorporação da Mulher em todos os âmbitos” (P. 840) e também constata que “as mulheres nem sempre estão organizadas para exigir o respeito a seus direitos” (P. 836).

2.2 Organizações a partir da mulher

Parece contraditória a constatação feita por Puebla quando diz: “nem sempre as mulheres estão organizadas...”

Sabemos que as mulheres, quase sempre, participaram e promoveram inúmeras organizações. Estas, porém, não levaram à defesa dos direitos da Mulher porque eram organizações de Mulheres, geralmente, criadas pelos Homens e, mesmo se pelas Mulheres, orientavam-se pelos padrões patriarcais mantendo o *status quo*, isto é, a subordinação.

As organizações de natureza patriarcal não tiveram e continuam não tendo eficácia para provocar mudanças estruturais na ordem vi-

gente e instaurar uma nova ordem baseada em relações, não de dominação, e sim de fraternidade, de reciprocidade.

Puebla fala de algo muito importante, isto é, da organização das mulheres; o que é tarefa da própria Mulher, que tenha por objetivo a defesa dos direitos da Mulher fora e dentro da Igreja. Esta organização já se faz presente em muitos países em setores da sociedade, e as nossas práticas pastorais devem estimular e fortalecer as organizações desta natureza.

Puebla vê com bons olhos a organização da Mulher, sua luta na defesa dos seus direitos. Isto serve de estímulo para nós mulheres nos pormos a caminho.

É gratificante perceber os grupos que vão nascendo de um modo tão variado em sua origem, em seu tamanho, na sua compreensão do fenômeno, em seu nível de engajamento na luta feminista. Todos eles vão somando forças e convergindo aos poucos; *“vão se juntando como afluentes de um caudal cada vez maior e mais profundo em direção à reciprocidade de relações entre Homens e Mulheres”* (7).

O referido documento constata a ausência quase total da mulher na vida política, econômica e cultural. Esta é uma afirmação hipócrita porque não percebe ou não quer perceber, que a Mulher está totalmente ausente nas instâncias de decisão da própria Igreja Católica.

Na Igreja, a Mulher pode participar como obreira, nos trabalhos, até, em algumas Igrejas locais, das decisões de base, em nível de algumas coordenações; mas não tem direito a participar das instâncias superiores de decisão.

O poder de decidir e de governar na Igreja é da competência exclusiva do homem. É terra proibida para a Mulher porque os homens, inteligentemente, atrelaram estas duas coisas ao sacramento da Ordem. Como o Sacramento da Ordem é exclusivamente administrado ao homem, a Mulher fica duplamente prejudicada, uma vez porque não pode receber o Sacramento e a outra vez porque não pode exercer funções que não são da competência do Sacramento mas estão atrelados a ele.

Abrir espaços para a participação da Mulher, em igualdade de direitos dentro da própria Igreja é uma conquista que deve ser feita pela Mulher. Este é um grande desafio porque o espaço “sagrado” da autoridade, do governo, é defendido a unhas e dentes pelo sexo masculino.

3. A MULHER NO DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano aconteceu em Santo Domingo, nos dias 12 a 28 de outubro de 1992. É um marco na caminhada da Igreja do Continente e visa dar continuidade às três outras conferências episco-

país, a do Rio de Janeiro (1955), a de Medellín (1968) e a de Puebla (1979), dando respostas atuais aos grandes desafios pastorais de hoje.

A Conferência foi convocada, inaugurada e presidida por João Paulo II. Não só isto, o próprio tema e lema já haviam sido fixados por ele: *"Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã: Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre"* (cf. Hebr 13,8).

Santo Domingo teve por objetivo estabelecer as linhas mestras de um novo impulso evangelizador, colocando a NOVA EVANGELIZAÇÃO como idéia central de todo o trabalho.

O contexto eclesial, no qual Santo Domingo está inserido, é o de uma Igreja voltada sobre si mesma, preocupada em afirmar seu caráter institucional e centralizador, revendo os passos dados pelo Vaticano II. Existe uma tensão muito forte entre o abrir-se para o mundo e seus problemas e, o fechar-se sobre si mesma.

A realidade sócio-econômica é do neo-liberalismo, dos projetos integracionistas; a cultura, embora com diferentes enfoques, também é uma questão que preocupa o nosso tempo.

O documento final de Santo Domingo consagra, à Mulher especificamente, alguns parágrafos (104 a 110) e, repetidas vezes, no decorrer do texto, faz menção à mulher.

O subtítulo que trata da questão Mulher encontra-se na segunda parte do documento conclusivo, capítulo I, sob o título: "AS MULHERES".

3.1 O que diz o Documento de Santo Domingo

O texto começa destacando *"a igualdade e a complementariedade com que Homem e Mulher foram criados"*; prossegue citando GL 3,26-29: *"Não há homem nem mulher porque todos vós sois um em Cristo Jesus"*; lembra que *"Cristo, nascido de mulher, acolheu as mulheres e lhes confiou, depois de sua ressurreição, a missão de anunciá-lo"*; apresenta *"Maria como a que precede a Igreja mostrando em forma eminente e singular o modelo da Virgem e de Mãe"* (SD 104).

Apresenta a seguinte descrição da realidade:

— *A sociedade e a Igreja têm crescido teoricamente, em consciência da igual dignidade da Mulher e do Homem, mas a prática fica muito aquém.*

— *Falta aprofundar o papel da mulher na Igreja e na sociedade.*

— *Difundem-se diversas posições reducionistas sobre a natureza e missão da Mulher: nega-se sua específica dimensão feminina, reduz-se a Mulher em sua dignidade e direitos, converte-se a Mulher em objeto de prazer, com um papel secundário na vida social (105).*

— Está crescendo a solidariedade entre Homens e Mulheres na família e na construção do mundo, mas faltam passos mais concretos rumo à igualdade real e à descoberta de que ambos se realizam na reciprocidade.

— Apresenta as Mulheres como as que mais se comunicam, sustentam e promovem a vida, a fé e os valores na família, nas Comunidades Eclesiais e nas diversas organizações.

— Considera a Mulher o anjo da guarda da alma cristã do continente.

— Faz menção a chocante situação de marginalização, dos perigos aos quais se submete sua dignidade, da violência da qual muitas vezes é objeto (106).

O documento estabelece linhas de ação pastoral:

— Denunciar abertamente as violações às Mulheres Latino-Americanas e Caribenhas.

— Promover a formação integral para que haja verdadeira tomada de consciência da dignidade comum do Homem e da Mulher.

— Anunciar profeticamente o ser verdadeiro da Mulher.

— Criar espaço para que a Mulher possa descobrir seus próprios valores (107).

— Desenvolver a consciência dos sacerdotes e dirigentes leigos para que aceitem e valorizem a mulher na comunidade eclesial e na sociedade.

— Fomentar uma atitude de análise crítica ante as mensagens dos meios de comunicação sobre os estereótipos que tais meios apresentam sobre a feminilidade.

— Discernir à luz do Evangelho de Jesus os movimentos que lutam pela mulher.

— Anunciar com força o que o Evangelho significa para a mulher (108).

— Criar na educação novas linguagens e símbolos que não reduzem ninguém à categoria de objeto.

— Evitar nos programas educativos conteúdos que discriminam a mulher.

— É preciso incorporar as mulheres no processo de tomada de decisões responsáveis em todos os âmbitos: na família e na sociedade.

— Contar, urgentemente, com a liderança feminina e promover a presença da Mulher na organização e animação da Nova Evangelização da América Latina e do Caribe.

— Estimular uma pastoral que promova as Mulheres indígenas no campo social, educativo e político (109).

— Denunciar tudo aquilo, que atentando contra a vida, afete a dignidade da mulher (aborto, esterilização, programas antinatalistas, violência nas relações sexuais).

— Favorecer os meios que garantem uma vida digna para as mulheres mais expostas: empregadas domésticas, migrantes, indígenas,

afro-americanas, trabalhadoras humildes e exploradas.

— *Intensificar e renovar o acompanhamento pastoral a Mulheres em situações difíceis: separadas, divorciadas, mães solteiras, meninas e mulheres prostituídas por causa da fome, do engano e do abandono (110).*

Entre os rostos sofredores dos pobres que lembram o rosto do Senhor, Santo Domingo cita “os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas” (178).

Lembra que “a mulher consagrada contribui para impregnar de Evangelho nosso processo de promoção humana integral e dinamizar a pastoral da Igreja... dar-lhe mais responsabilidade na programação da ação pastoral e caritativa” (90).

3.2 Em busca de reciprocidade

Não basta promover a defesa da mulher, apontar as diferentes opressões de que ela é vítima, enumerar as diferentes conquistas das mulheres na sociedade civil nem exaltar sua dignidade através dos diferentes feitos históricos. É preciso ir mais a fundo da questão, buscar as causas culturais de resistência à autonomia e a libertação da própria Mulher, causas que geralmente permanecem esquecidas.

A autonomia é uma condição fundamental, é um salto qualitativo. A Mulher vai em busca de um trabalho socialmente reconhecido;

a sua contribuição econômica é valorizada, as tarefas domésticas começam a ser redistribuídas.

Também não se mudará a situação apenas pela busca de igualdade de direitos, mas é preciso tocar na própria estrutura da construção humana e social. Trata-se fundamentalmente da luta pelo reconhecimento humano recíproco, da superação do autoritarismo e submissão na relação Homem e Mulher.

O processo de mudanças, de certo modo, é muito lento, incômodo e trabalhoso. Construir um futuro diferente não é fácil, mas para que ele ocorra, as mudanças já devem acontecer agora.

É preciso buscar novos comportamentos e questionamentos lúcidos às práticas de exclusão da Mulher; isto deve fazer parte integrante das práticas profissionais e também a nível da catequese e da evangelização.

O uso generalizado, englobante e habitual do termo Homem, tão natural para todas e todos, pode esconder, muitas vezes, o desejo de encobrir a realidade sexuada de nossa história e a opressão existente de um sexo em relação ao outro. Dar uma atenção especial ao vocabulário que utilizamos em nossas formas de expressão é importante.

É indispensável rever as expressões culturais e religiosas vigentes na sociedade e na Igreja que tem o masculino como referencial e que promoveu durante séculos os valo-

res da submissão, da obediência, do silêncio na prática das mulheres.

É preciso ficar atenta com o uso da categoria da complementariedade. Ela aparece no documento de Santo Domingo quando se fala da relação entre Homens e Mulheres. É uma categoria que facilmente nos pode equivocar porque, muitas vezes, se esquece que o complemento pode ser dispensado, é apenas acessório. Não queremos ser acessório.

A categoria reciprocidade aparece, pela primeira vez, num documento conclusivo do episcopado latino-americano, ao se tratar da relação entre Homens e Mulheres.

É uma categoria, ao nosso ver, muito mais adequada do que a da complementariedade, para expressar a nova proposta de relacionamento entre as pessoas do sexo masculino e feminino.

O relacionamento se baseia na igualdade e no mútuo respeito; há uma simetria no relacionamento das pessoas; uma nova forma da Mulher e do Homem se conduzirem e conduzirem toda organização social e religiosa.

Enquanto o patriarcalismo gera a dominação, a concentração e a exclusão, a reciprocidade leva à redistribuição, à fraternidade, ao ágape cristão, eliminando toda sorte de privilégios.

COMPARAÇÃO ENTRE A REDAÇÃO FINAL DO DOCUMENTO

DE SANTO DOMINGO E A PRIMEIRA REDAÇÃO GLOBAL DE SANTO DOMINGO.

Gostaria de trazer alguns elementos da primeira redação porque a Mulher teve grandes perdas.

A elaboração dos documentos eclesiais passa por um processo que é bastante conhecido por todos nós. Geralmente o texto passa por várias redações até que se chegue a redação final. Neste percurso o texto pode ter ganhos e perdas. Bem, não poderia ser diferente em Santo Domingo. Vejamos o que aconteceu com o subtítulo que trata da Mulher.

Comparando o texto final com a Primeira Redação Global, tivemos as seguintes perdas:

Falando da relação de Jesus com as Mulheres: "... as Mulheres também foram incorporadas como agentes e colaboradoras de sua missão salvífica (...) confiou-lhes o ministério de anunciá-lo: Maria Madalena é por isso: apóstola dos apóstolos" (8).

"Em uma Igreja que é comunhão, pela consagração batismal todos somos incorporados a Cristo e participamos de seu tríplice ministério de sacerdote, profeta e pastor. Todos e cada um acolha com alegria os carismas que tem recebido do mesmo Espírito, e coloquem-os a serviço da Nova Evangelização" (9).

"Ela (Maria) é o rosto libertador para a Mulher e para o Ho-

mem, a primeira em manifestar a ambos o potencial dignificador da redenção. Não podemos ver nela uma humanidade de segunda categoria, senão a Companheira ativa, livre e animadora da sociedade (...) colaboradora da obra de Jesus" (10).

"As mulheres do continente são geradoras e defensoras da vida em todas as suas manifestações (...). Seu ser é um ser para a vida; ela acolhe, ora, trabalha, intue, promove espaços habitáveis, com sua entrega cria comunhão e comunicação para proteger a vida" (11).

"Muito mais que nos dias do Vaticano II, esta é a hora da mulher (...) No raiar de uma nova cultura, um dos grandes desafios da sociedade L. A., garantia de futuro, é reconhecer plenamente a mulher em sua dignidade. Na Nova Evangelização faz-se indispensável para a Igreja de nosso continente enfrentar o desafio de dar um salto qualitativo dentro e fora de si mesma: ser promotora decidida e ativa da dignificação da mulher" (12).

"Diversos fatores de nossa época têm posto em crise a identidade da mulher. Muitas a tomam, hoje mais que antes, como objeto de prazer, outros reduzem sua missão à de receptoras passivas na vida social, outros tratam de revestir estas situações pondo em questão a mesma identidade sexuada de pessoa humana. A Igreja se vê urgida a propor o evangelho da mulher à cultura que nasce".

"Nesta crise persistem sinais de uma dupla moral que privilegia e absolve ao Homem e marginaliza e condena a Mulher. Muitas vezes esta confusão e esta atitude são toleradas e aceitas pelas Mulheres, pela sociedade e desconhecida em nossa pastoral" (13).

"Nos últimos anos as Mulheres são assumidas como mais responsáveis na vida da Igreja e da sociedade (...) tanto a Igreja como a sociedade devem continuar impulsionando sua participação em todos os campos da construção do mundo como inter-locutoras válidas e originais. É de todo necessário passar do reconhecimento teórico da presença ativa e responsável da Mulher na Igreja à realização prática, reconhecer e convidar a reconhecer por parte de todos, a indispensável contribuição da mulher à edificação da igreja frente às mais variadas formas de discriminação à qual estão subordinadas. A Mulher que é a maior geradora da cultura da vida é a maior vítima da cultura da morte" (14).

Nas linhas pastorais foram omitidos alguns aspectos:

Quando se fala de aceitar e valorizar a mulher foi omitido: "o que dizem, o que decidem, o que pensam, o que sentem" (15).

"Ao ler as escrituras, foi omitido, superar as interpretações anacrônicas e pouco dignificantes da Mulher (...) a partir da própria mulher" (16).

Quando se fala de que a mulher deve ser incorporada no processo de tomar decisões em todos os âmbitos: na família, na Igreja e na sociedade. A expressão "na Igreja" foi omitida (17).

O parágrafo que segue foi totalmente omitido: *"Integrar as mulheres na formação sacerdotal, como codiscípulas e mestras; e receber a luz que de sua condição específica só ela pode dar mediante o estudo, a investigação e a docência teológica"* (18).

Também o número 121.11 foi omitido: *"Criar caminhos para que os valores que a mulher traz não permaneçam relegados ao âmbito da vida privada, mas que apareçam à luz e possam elas mesmas contribuir mais livremente com a Igreja e a sociedade"*.

Tivemos o cuidado de transcrever os textos suprimidos por dois motivos: a) proporcionar a nossas(os) leitoras(es) o acesso ao texto; b) esperamos que o próprio texto fale e mostre como coisas importantes foram omitidas em relação à participação da Mulher na vida da Igreja.

Isto permite perceber como na elaboração dos documentos eclesiais os nossos pastores, que muito estimamos, têm uma grande vigilância em manter a Mulher à margem da autoridade doutrinal do magistério e, até bem recentemente, da dos teólogos, bem como continuar com a exclusão da Mulher das funções de liderança eclesial.

Isto é, ela não tem direito de participar do poder, do governo da Igreja. Mais uma vez é negado à Mulher, oficialmente, o direito de participar nas decisões eclesiais e ela continua, neste âmbito, despojada do seu elementar direito de decidir.

O documento insiste que a Mulher participe no processo de decisões de ordem familiar e de ordem social, mas na Igreja não. Também foi negado a integração da Mulher no processo da formação sacerdotal.

A constatação de que as Mulheres, nos últimos anos, são assumidas como mais corresponsáveis na vida da Igreja e da Sociedade, também foi eliminada.

Certamente que *"a autoridade na Igreja enquanto comunidade de iguais no discipulado não deve concretizar-se como poder de domínio, como dominação e submissão, mas como a autoridade da ortopraxis... A liderança na comunidade de discípulos não deve ser exercida como dominação e poder sobre os outros mas como serviço e libertação"* (19). Se o poder na Igreja deve ser um serviço, por que a Mulher está sistematicamente impedida de exercê-lo numa sociedade onde as Mulheres estão, sempre mais, assumindo funções de liderança?

CONCLUSÃO

Dirigindo um olhar sobre o que dizem os documentos conclusivos das Assembléias Gerais do Episcopado Latino-americano e do Cari-

be (Medellín, Puebla, Santo Domingo) a respeito da Mulher, nasce em nós um misto de esperança e de temor.

Percebe-se uma boa vontade em relação à Mulher, ao reconhecer sua dignidade, a vontade de querer promovê-la, denunciar as injustiças de que ela é vítima, mas, por outro lado, não se toca a causa profunda da discriminação; permanece o esquema de exclusão.

É muito duro ver a situação legal da Mulher dentro da Igreja. Ela obedece às leis para as quais não teve direito de opinar, de colaborar na sua formulação. A Mulher, por ser do sexo feminino, está excluída do poder decisório da Igreja, porque este foi ligado ao poder sacramental. Ela pode participar do fazer mas não tem direito de participar do decidir.

Percebemos também como é difícil romper com as mistificações teológicas e legitimações religiosas da autoridade e do poder patriarcal para que nós mulheres possamos recuperar nossa dignidade, nossa autoridade e nosso poder como sujeitos eclesiais.

A esperança emerge porque os sinais de novos caminhos também estão presentes; o novo está emergindo aos poucos. É um parto muito difícil e que certamente durará muitas décadas. O bloco monolítico do patriarcalismo está apresentando algumas fissuras.

A gestação do novo é um trabalho de mutirão porque o desafio é

constante; o dragão sempre está à espreita para engolir o "menino". Certamente as Mulheres juntas fermentarão a massa para que Homens e Mulheres recuperem seu valor e sua dignidade.

Não basta falar e escrever, é preciso agir, por-se a caminho, somar forças, fortalecer as fracas a continuarem na luta pelo nosso espaço, pela transformação da sociedade para que a justiça e a paz aconteçam.

A libertação da Mulher leva consigo, necessariamente, uma redefinição do papel que a sociedade determinou para a Mulher e para o Homem. A reciprocidade da feminilidade e da masculinidade deve crescer.

A libertação da Mulher exige, forçosamente, a libertação do Homem.

Ocupemos os espaços; juntemos nossas forças, cultivemos as pequenas sementes de esperança plantadas por tantas Mulheres para que ela se renove num continente que espera há vários séculos a "*liberdade dos filhos e filhas de Deus*".

Nós, Mulheres Religiosas, temos uma grande responsabilidade no processo de libertação da Mulher em nossas comunidades e na sociedade como tal. As matrizes patriarcais já não servem mais. Juntemos nossas forças para apressar o surgimento do novo Homem e da nova Mulher que estão sendo gestados no ventre da história.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Que mudanças podem ser percebidas na passagem de Medellín para Puebla na consideração da questão feminina sob o aspecto de sua contribuição concreta para a evangelização no presente e futuro da América Latina?

2. A idéia de reciprocidade, que aparece em Santo Domingo, e pela primeira vez em documento da

Igreja, implica uma simetria no relacionamento do homem e da mulher. Considerando a realidade onde se situa o seu trabalho pastoral, quais os maiores desafios para que esta reciprocidade se torne real?

3. Lendo, individual ou comunitariamente, a lista de modificações na redação final do documento de Santo Domingo, quais lhe parecem ter sido as perdas maiores para a explicitação melhor da solidariedade de nossos Pastores com a causa da mulher?

NOTAS

(1) Fritjof CAPRA. **O ponto de mutação**, SP, Cultrix, 1988, p. 27. JOÃO XXIII encíclica **Pacem in terris**, Roma. (3) PAULO VI, **Gaudium et Spes**, Roma, 7/12/1965, n. 29. (4) RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**, São Paulo, Paulinas, 1982, p. 184. (5) Medellín, 1,1. (6) Ivone GEBARA. "As filhas de Eva na Igreja da A. L.", São Paulo, Paulinas, 1989, p. 11. (7) Moema VIEZZER. **O problema não está na Mulher**, São Paulo, Cortez, 1989, p. 91 (8) Primeira redação global de Santo Domingo, n. 113. (9) Idem, n. 113. (10) Idem, n. 113. (11) Idem, n. 113. (12) idem, n. 114. (13) Idem, n. 116. (14) Idem,, n. 116. (15) Idem, n. 119,4. (16) Idem, n. 119,6. (17) Cf. Idem, n. 120,9. (18) Idem, n. 120,10. (19) Elisabeth S. FIORENZA, **Relvindicando nossa autoridade e poder**, in **Concilium**, n. 200, 1985/4, p. 58.

BIBLIOGRAFIA

CELAM, **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio — Conclusões de Medellín**, Petrópolis, Vozes, 1969.

——— **Evangelização no presente e no futuro da América Latina — Conclusões da conferência de Puebla**, São Paulo, Paulinas, 1979.

——— **Nova Evangelização Promoção Humana Cultura Cristã — Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano de Santo Domingo**, São Paulo, Paulinas, 1992.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**, São Paulo, Cultrix, 1988.

FIORENZA, Elisabeth. **Relvindicando nossa autoridade e poder**, in **Concilium**, n. 200, 1985/4.

GEBARA, Ivone. **As filhas de Eva na Igreja da América Latina**, São Paulo, Paulinas, 1989.

PAULO VI. **Gaudium et Spes**, Roma, 7/12/1965.

CELAM, **Primeira redação de Santo Domingo**.

RICHARD, Pablo. **A morte das cristandades e nascimento da Igreja**, São Paulo, 1982.

VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher**, São Paulo, Cortez, 1989.

SONHOS E SEMENTES

O engajamento na pastoral de paróquias e dioceses resultou para as irmãs em clericalização. Não assumem ministérios em razão de seu batismo, mas porque faltam padres. É pouco.

GRMC — Grupo de Reflexão Mulher Consagrada

Espalhar sonhos pode significar uma revolução. Espalhar sementes é garantir a fecundidade dos sonhos. Essas duas convicções iluminam e marcam os objetivos e o modo de trabalhar do *GRMC - Grupo de Reflexão Mulher Consagrada*.

Os sonhos, para que liberem energias, devem ser grandes e ousados. Não é assim quando se sonha com a superação de discriminações seculares, como a subordinação da mulher ao homem? Ou quando se sonha com o discipulado de iguais numa Igreja ainda tão fortemente machista? Ou com mulheres religiosas de cabeça erguida, resgatando seu ser-mulher e deixando para trás o "túmulo vazio" para anunciar que a vida venceu a morte?

As sementes ainda podem ser poucas para tão vasto terreno e a

colheita pode demorar. Mas vão sendo lançadas e já estão germinando: é a tomada de consciência da opressão sofrida pelas mulheres e o engajamento concreto em suas lutas de libertação; é a parceria com os homens na busca de um relacionamento de reciprocidade homem-mulher; é a participação concreta no ministério eclesial, de muitas e variadas formas; são dezenas de encontros, cursos e seminários que iluminam e fortalecem a caminhada.

O GRMC nasceu para animar o processo de preparação do seminário "*Mulher Consagrada, Libertação da Mulher e Nova Evangelização no Brasil*", realizado em Goiânia, em novembro de 1991. Sua continuidade foi pedida pelo próprio seminário, para levar adiante a reflexão iniciada, favorecer a articulação de grupos e a troca de

subsídios e preparar outros seminários.

Os pontos que seguem são fruto da reflexão do GRMC em 1992/93 e da experiência do grupo. O 1º é uma síntese da partilha feita com Riolando Azzi sobre a história da Vida Religiosa feminina no Brasil, uma das preocupações manifestadas em Goiânia. O 2º responde a uma questão do texto "Lineamenta", da Comissão Preparatória do Sínodo sobre a Vida Religiosa, a realizar-se em 1994. No 3º, um dos membros do GRMC relata sua experiência em dois grupos de mulheres. No 4º, algumas notícias sobre a preparação do próximo seminário da Mulher Consagrada.

1. HISTÓRIA DA VIDA RELIGIOSA FEMININA

a) Importância da memória histórica

A história de uma congregação, colocada por escrito, é um serviço à memória do grupo e contribui para preservar suas raízes e renovar a seiva vital que lhe deu origem. O mesmo se pode dizer da história da VR como um todo.

A memória histórica é fundamental para um grupo que deseja ter clareza a respeito da própria identidade e procura compreender as causas dos acontecimentos e situações vividas, para se posicionar no contexto presente e enfrentar os novos desafios.

O interesse pela história da VR feminina no Brasil — ou pela his-

tória das congregações femininas — é bastante recente. A mulher consagrada pouco aparece nas histórias do Brasil e mesmo nas histórias da Igreja no Brasil. Este resgate se faz necessário e urgente. Os pesquisadores ligados à CEHILA estão conscientes deste desafio, mas enfrentam dificuldades, entre elas a falta de mulheres na equipe. O interesse feminino está crescendo, mas ainda são poucas as irmãs que se sentem motivadas para estudos mais aprofundados nesta área.

b) História das congregações femininas

As pesquisas sobre a VR feminina no Brasil, ou sobre alguma congregação em particular, esbarram em sérias dificuldades no que se refere às fontes. Pouca coisa foi registrada e, não raro, segundo critérios que deixam escapar aspectos essenciais. Documentos importantes não foram conservados.

Nas congregações femininas, as biografias são mais frequentes do que as histórias. Uma e outras são mais apologias do que propriamente histórias. Foram escritas, quase sempre, por ocasião de datas comemorativas — como jubileus — e têm caráter festivo. Querem, ao mesmo tempo, agradecer às gerações passadas por tudo o que fizeram e edificar as novas gerações, para que se orgulhem de pertencer àquele grupo e renovem o entusiasmo por sua proposta de vida.

Essas histórias e biografias nem sempre levam em conta que as congregações estão inseridas na Igreja e a serviço do Reino de Deus no mundo. São escritas como se cada congregação existisse isoladamente e para si mesma: nasce, cresce, faz obras maravilhosas... Não se tenta perceber como se posicionou diante das grandes questões sociais e eclesiais e dos novos desafios, em cada momento de sua história.

Quando a congregação não é brasileira, existe ainda outro problema: a história é feita a partir do local de origem. A vinda para o Brasil é vista como uma façanha missionária que engrandece a congregação. A expansão no Brasil, quase sempre, é narrada de maneira triunfalista, com o olhar voltado para o interno da congregação.

Existe também a dificuldade das congregações fundadas como "ramo feminino", ao lado do grupo principal e exemplar que é o masculino. Nas histórias ou biografias é comum o ramo feminino aparecer como um apêndice. A verdadeira história da congregação é feita pelo ramo masculino e escrita por homens.

c) Algumas pistas e orientações

O atual interesse das congregações femininas por sua história faz acreditar em mudanças nos próximos anos. Riolando Azzi deu algumas orientações e sugestões.

— *A reflexão histórica deve ser crítica.* Quem vai escrever a história de um grupo ou a biografia de alguém, não pode partir do pressuposto que vai louvar esse grupo ou essa pessoa. Deve escrever o que as fontes vão revelando, mesmo que sejam limites e infidelidades. A postura crítica diante da história é muito importante.

A história deve ajudar a compreender o passado com seus positivos e seus limites. No caso de uma congregação religiosa, deve ajudá-la a perceber se está sendo fiel à inspiração original, diante dos novos desafios do presente.

— *Importância dos arquivos.* No passado, muitas congregações femininas não tiveram os devidos cuidados com seus arquivos. Isso acontece ainda hoje, pelo atropelo das tarefas apostólicas ou mesmo por não reconhecer sua importância. Os arquivos são fundamentais para a preservação da memória de um grupo. Cartas pessoais, relatórios, textos produzidos para os diversos eventos, crônicas... são documentos que devem ser conservados. É importante também conhecer as normas e técnicas para a montagem de um arquivo, tendo em vista não só facilitar a consulta, mas sobretudo a boa conservação dos documentos.

— *Especialização.* Não basta reconhecer a importância da memória histórica ou lamentar que existem poucos escritos sobre a Vida Religiosa feminina no Brasil. É necessário pôr "mãos à obra" e in-

vestir neste sentido, incentivando irmãs para que busquem especialização nesta área e se dediquem à pesquisa histórica. Só assim haverá mudança a médio e longo prazo.

2. A CAMINHO DO SÍNODO SOBRE A VIDA RELIGIOSA

“A questão da mulher, de sua vocação e missão na Igreja e na sociedade, reflete-se hoje na vida consagrada feminina. Quais são as oportunidades e os problemas que se deparam neste campo?” (Lineamenta — Sínodo 94).

A questão da mulher ocupa, hoje, um lugar de destaque na sociedade brasileira. É levantada de muitas formas pelos MCS e pelos grupos e movimentos feministas e/ou de mulheres. Aparece na reação concreta das mulheres que vão assumindo nova postura diante da vida em seus muitos aspectos, tanto na família, quanto na sociedade e na Igreja.

Isto se reflete na VR feminina, contribuindo para que a mulher consagrada também tome consciência do ser-mulher, descubra novas faces de sua vocação e redimensione sua missão na Igreja e no mundo

a) *A consciência do ser mulher.* Por longo tempo, a condição feminina das irmãs foi encoberta pela concepção de mulher consagrada, presente na sociedade e na Igreja, e pela padronização da VR a partir do modelo masculino. A tomada de consciência do ser-mulher está provocando mudanças na VR fe-

minina, que se refletem no nível das relações, na vivência dos votos e na própria espiritualidade. Percebe-se maior valorização da pessoa-mulher, na perspectiva do plano de Deus que a criou à sua imagem e semelhança, como parceira do homem na festa da vida.

b) *Nova consciência missionária.* Na VR pré-conciliar tinha-se uma visão estreita a respeito da missão da mulher religiosa. Hoje existe uma nova consciência neste sentido, fruto especialmente da reflexão dos últimos anos sobre a mulher e das novas práticas assumidas pelas mulheres. Ressalta-se que a mulher consagrada, como discípula de Jesus Cristo, é chamada a sentar-se aos pés do Mestre e também enviada a anunciar a Vida; como batizada, adquire direitos de cidadã na Igreja e compartilha a missão eclesial; como mulher, está entre os destinatários privilegiados do Reino e é chamada a acolher em seu ventre a Boa Nova e a gerar vida no mundo. As mulheres consagradas vão se libertando das amarras que lhes impunham silêncio, e contribuem ativamente para resgatar o carisma profético da VR.

c) *Subordinação e opressão das mulheres.* Nota-se um crescente despertar das irmãs para a condição subordinada das mulheres na sociedade e na Igreja e para as diversas formas de opressão e violência que elas sofrem. Há uma sensibilidade especial para a condição das mulheres negras e pobres, vítimas de maior discriminação.

Causa perplexidade e mesmo indignação a descoberta de que a Igreja católica, apesar de sublinhar em seu discurso a dignidade da mulher, a igualdade de direitos com o homem e a comum responsabilidade na missão evangelizadora, continua sendo, na prática, uma instituição patriarcal e machista. As irmãs descobrem também que a VR nasceu e se desenvolveu em moldes masculinos e que dentro dela ainda persistem práticas e estruturas que oprimem as mulheres.

d) *Engajamento nas lutas das mulheres.* As irmãs estão presentes, de maneira ativa, nas lutas das mulheres, aprendendo com elas e somando forças na busca de melhores condições de vida e no enfrentamento das diversas discriminações, também aquela que tem por base a diferença de gênero. Essa participação acontece de várias formas: um grupo participa de movimentos e organizações feministas; maior número está presente e anima grupos de mulheres, ligados ou não à pastoral eclesial; porcentagem expressiva faz parte do grande contingente de "mulheres em movimento" que assumem nova postura e novas práticas na sociedade e na Igreja.

e) *Inserção nos meios populares e libertação da mulher.* Em anos passados, muitas irmãs dos meios populares se mostravam reticentes em relação aos movimentos feministas e de mulheres, julgando-os desligados do processo de libertação dos pobres. Hoje, no entanto, é justamente nos meios populares

que as irmãs assumem com maior empenho as lutas das mulheres, contribuindo para que não sejam lutas isoladas. Há também um outro aspecto que merece ser considerado: mesmo sem participar de nenhum grupo e sem levantar nenhuma bandeira feminista, as irmãs dos meios populares vão rompendo com os papéis tradicionais que a sociedade e a Igreja reservavam para a mulher consagrada, provocando mudanças na própria maneira de conceber a VR.

f) *Trabalho e política.* As irmãs que deixam suas instituições para assumir outros tipos de trabalho são movidas pela nova consciência missionária e também pelo desafio da própria manutenção e pelo desejo de maior realização como mulheres. Compatrilham a experiência da grande massa de trabalhadoras e mesmo das desempregadas e subempregadas. Às vezes assumem trabalhos alternativos como cooperativas, oficinas comunitárias e mutirões. A militância política também é uma realidade na VR feminina, embora sejam poucas as irmãs que chegam a assumir algum cargo político.

g) *Participação na Igreja.* A ampla atuação das irmãs na animação de CEBs e outras comunidades, na formação de lideranças e nas diferentes pastorais lhes têm permitido trabalhar nas bases a questão de gênero, contribuindo para a reeducação de homens e mulheres e também para a criação e consolidação de estruturas mais participativas na comunidade ecle-

sial. Essa prática, no entanto, aliada à denúncia das discriminações que ainda persistem dentro da Igreja católica contra a mulher, vem provocando muitos conflitos. É justamente aqui, na comunidade eclesial, que as irmãs experimentam mais de perto o que significa a condição subordinada da mulher. Ressalta-se não só a exclusão do ministério ordenado, mas também a pouca participação nas decisões e a exploração econômica do seu trabalho pastoral.

h) *Laicidade da VR feminina.* Fala-se muito, hoje, em recuperar a laicidade da VR e este debate está presente na VR feminina. As irmãs se dão conta de que o engajamento na pastoral de paróquias e dioceses resultou para elas em clericalização. Exercem apenas um papel supletivo ou complementar ao trabalho dos padres. Não assumem ministérios em razão de seu batismo, mas em razão da falta de padres. Muitos membros do clero consideram as irmãs somente como força pastoral e as próprias comunidades aprenderam a vê-las no espaço da hierarquia. Tudo isso é prejudicial à identidade da VR feminina. Percebe-se, no entanto, que recuperar a laicidade é mais do que desclericalizar. Trata-se de recuperar as origens populares da VR e, ao mesmo tempo, buscar a "laicidade" de toda a Igreja enquanto Povo de Deus.

i) *Capacitação profissional, teológica e pastoral.* A maior capacitação das irmãs em diferentes áreas

profissionais e na pastoral é uma preocupação dos últimos anos e também está ligada ao esforço de libertação da mulher. Merece destaque a busca de maior formação teológica e bíblica, dando às irmãs a possibilidade de atuar com mais segurança na formação dos leigos e leigas, e também de contribuir para uma reflexão teológica e bíblica na ótica da mulher.

j) *Opção pela VR.* Na sociedade, as mudanças estão atingindo mais as mulheres do que os homens. Elas encontram hoje muitas oportunidades novas. A própria identidade feminina foi atingida e ainda não encontrou sua redefinição. Talvez por isso a VR feminina tenha hoje menos vocações do que a VR masculina e seja sacudida por fortes questionamentos.

l) *Votos.* A reflexão sobre a mulher incide de maneira positiva sobre a releitura dos votos na vida consagrada, especialmente sobre o voto de castidade. Visto a partir da renúncia ao matrimônio, do desprezo pelo corpo e da repressão de sentimentos, este voto favorecia a negação do ser-mulher e confirmava a visão tradicional que apresentava a mulher como sedutora, perigosa, responsável pelo pecado. Hoje, há uma nova compreensão do voto de castidade e isto se deve, em grande parte, à caminhada de libertação das mulheres. Ser mulher é sentido como valor, como dom a ser cultivado e que deve desabrochar em toda a sua potencialidade, e não como algo a ser reprimido e negado. Por outro

lado, os tabus ainda existentes para a mulher em questões sexuais e a nova postura da juventude, muito mais livre neste sentido, questionam a VR feminina e colocam novos desafios para a formação.

m) *Reciprocidade homem-mulher*. A questão da mulher — ou de forma mais abrangente a questão de gênero — vem despertando o interesse também dos religiosos e está sendo benéfica para toda a vida consagrada, na medida em que valoriza o feminino, faz descobrir a dimensão feminina presente também nos homens e em toda a criação, e contribui para que se estabeleça um relacionamento de reciprocidade entre mulheres e homens. Isto significa um passo qualitativo na busca da irmandade evangélica.

3. MULHERES RESGATAM SUA FISIONOMIA

Relato de experiência

Maria Crepaldi

As mulheres estão despertando e assumindo o processo de libertação e neste processo é cada vez mais evidente a necessidade de resgatar a verdadeira fisionomia do ser feminino.

Desde alguns anos vemos surgir grupos de mulheres de diversas formas e características, e com lutas também diversas, mas com um objetivo comum: proporcionar à mulher o direito de ser plenamente mulher. Só assim poderemos

ganhar com relações de reciprocidade entre mulher e homem e avançar no processo de libertação.

Tendo o privilégio de participar de alguns desses grupos, partilho aqui um pouco da experiência em dois deles: Grupo KUÑAITE e Grupo de MULHERES DO MEIO POPULAR.

GRUPO KUÑAITE

Há três anos participo indiretamente e há um ano participo diretamente deste grupo. KUÑAITE é um Grupo Feminino de Reflexão Teológica. Nasceu em 1986 na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo.

As mulheres estudantes de teologia começaram a se reunir para uma troca de experiência e aí surgiram questionamentos, sobretudo em torno da pergunta: "Por que a mulher faz teologia?" Foi refletido sobre esta questão que o grupo foi se constituindo e delineando seus objetivos:

— Refletir e elaborar a Teologia a partir da mulher pobre e oprimida, num contexto latino-americano e ecumênico, redescobrando o "rosto materno de Deus".

— Trabalhar a hermenêutica bíblica na ótica feminina.

— Partilhar e articular experiências pastorais, urbanas e rurais, junto aos grupos de mulheres, na luta pela transformação social e eclesial.

O grupo explica a razão do nome KUNÁITE: "Na busca da identidade, descobrimos na cultura e na língua indígena o nome para o nosso grupo — KUNÁITE — por nos parecer que este nome reflete a essência do grupo: mulher autêntica (em Tupi Guarani).

Este "batismo" foi realizado depois que o grupo se firmou, ergueu-se e, de cabeça erguida, enfrentou os desafios ao redor. Destemido, o grupo entregou-se ao trabalho cotidiano. A Bíblia tem sido fonte e alicerce da caminhada na busca autêntica da "sabedoria da mulher" no que diz respeito a seu ser nos diversos níveis das relações sociais e eclesiais" (Boletim nº 01, junho de 1989, do Grupo KUNÁITE).

Abraçando a todas e a quantos simpatizam com esta causa, KUNÁITE acolhe tanto aquelas que participam de seus encontros mais regulares na sala do KUNÁITE, na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, como aqueles e aquelas que participam indiretamente, seja através de outros encontros estimulados e assumidos pelo grupo, ou através de eventos em que KUNÁITE marca presença e participação.

O grupo assume determinados compromissos, em coerência com seus objetivos. Eis alguns deles:

Participação na Semana Teológica.

Articulação de encontros e eventos relacionados com a Teologia Feminista.

Participação ativa na Teologia Feminista na Faculdade.

Colaboração na preparação e articulação dos Encontros Regionais de Teólogas.

Preparação, articulação e animação de seminários na Faculdade.

Boletim.

Orientação de leituras.

Participação na luta das mulheres e em outras lutas dentro do processo de libertação.

Passo a passo, lentamente, se vai edificando este empreendimento, visto por alguns como ousadia. No mundo teológico a mulher vai alargando seu espaço.

No cotidiano da vida se gesta o "novo", o diferente. A partir da opressão sofrida por nós mesmas e por outras companheiras, e também das experiências de libertação, vamos fazendo nossa reflexão teológica. A opressão/libertação nas diversas esferas: econômica, social, cultural, sexual, religiosa, nos oferece matéria-prima para a elaboração teológica.

Acreditamos na capacidade da mulher; por isso, ousamos romper barreiras seculares e queremos ter a coragem de enfrentar os preconceitos.

Acreditamos que defender os direitos da mulher significa pensar em novas formas de organização e convívio de toda a sociedade. Por isso, ousamos dizer: "Mulher, é hora de fazer memória e fortalecer a fé. É hora de firmar o pé no

chão com muita garra e olhar para o futuro com grande esperança.”

Nessa tarefa é de grande importância o papel da mulher consagrada. Ela se faz presente de modo significativo nesses grupos de reflexão teológica, a partir da ótica feminina. Também é significativa sua presença e serviço nas CEBs e nos meios populares, o que lhe favorece a interação reflexão teológica e práticas libertadoras.

GRUPO DE MULHERES DO MEIO POPULAR

Na virada de mais um século, notamos o fenômeno crescente da consciência da mulher em diversos níveis: social, econômico, político, religioso.

Diante da ideologia patriarcal presente em nossa cultura, as mulheres ousam se organizar e interpelar a sociedade e a Igreja. Elas estão manifestando seu pensar, resgatando sua dignidade.

Tenho trabalhado com grupos de mulheres dos meios populares de características diversas: clubes de mães, oficinas de trabalhos alternativos, grupos de mulheres para troca de saber, grupos de mulheres de favela.

Aqui partilho o que estou vivenciando com um grupo novo, numa nova inserção na periferia de São Paulo, mais concretamente no Rio Pequeno, micro região do Regional Butantã, do município de São Paulo.

Estou aqui há nove meses. Através de contatos diversos com as mulheres do bairro, percebi que a marca do domínio machista presente nelas — como em tantas outras — suscitava um grande anseio de transformação desta realidade.

Conversando com algumas, tomamos a iniciativa de começar alguma reflexão em torno da questão da mulher. Coincidiu que fui convidada para orientar uma reflexão sobre a mulher numa tarde de comemoração afro, por ocasião da festa de Zumbi. Foi nesta tarde de 19 de novembro que teve início o grupo, que ainda não está batizado. Já realizamos três encontros e é grande o interesse das mulheres. Estes três encontros programados foram entremeados por pequenos encontros informais.

Nos encontros programados procuramos refletir sobre a situação das mulheres dos meios populares, sobre as causas da opressão e os tipos de opressão. Juntas procuramos organizar ações que nos ajudam na busca de saídas. Fazemos troca de saber popular, comprometemo-nos a participar da luta em defesa da vida, sobretudo das lutas em favor da vida da mulher popular. É assim que procuramos atuar:

no Sistema de Saúde: por exemplo, através dos Conselhos de Saúde, nos órgãos públicos;

no Sistema de Educação: através das escolas e da educação informal;

no Sistema Político: através dos Conselhos Gestores;

na Igreja: através das CEBs e das Pastorais;

em outras lutas específicas: por exemplo, na luta dos Sem Terra e da Criança.

Em nosso último encontro refletimos sobre as causas que deixam a mulher encurvada, impedindo-a de agir livremente. Juntas, refletimos sobre meios para impedir que as meninas de hoje venham a ser mulheres encurvadas no futuro.

Esses encontros — os programados e os informais — fortalecem nossas convicções de que a luta da mulher não é uma luta contra o homem, mas é uma luta contra a marginalização e a opressão, em busca de relações de reciprocidade entre mulheres e homens; na sociedade e na Igreja, pois só assim estaremos em processo de libertação.

Como mulher, e mulher consagrada, acredito na força transformadora que habita em nós. Temos que nos empenhar para que o sonho de tantas mulheres possa se tornar realidade. Nossa tarefa no processo de libertação é insubstituível. Ela não pode mais ser adiada!

4. MULHER CONSAGRADA E CULTURAS: PREPARAÇÃO DO 2.º SEMINÁRIO

O GRMC já está preparando o 2º seminário que deverá se realizar em 1994 e terá como tema "*Mulher Consagrada e Culturas*". Os aspectos serão selecionados a

partir de uma sondagem feita através das Regionais da CRB.

Iniciando o processo de preparação, o GRMC já refletiu sobre três pontos importantes: Mulher e Cultura — panorama; Nossas Congregações e Cultura; Mulher Consagrada e Cultura Popular.

No primeiro ponto — Mulher e Cultura: panorama — o grupo levantou alguns aspectos desta vasta temática e destacou dois: a ordem da criação em Santo Agostinho, como herança cultural que marcou profundamente a identidade feminina e as relações homem-mulher no ocidente cristão, e a mulher como criadora de cultura, ontem e hoje.

No segundo ponto — Nossas Congregações e Cultura — cada membro do grupo procurou responder às seguintes questões: Como sua congregação inseriu-se no contexto cultural da época de origem (ou quando veio para o Brasil) e nos vários momentos posteriores? Que influências culturais recebeu? Como reagiu? Que traços culturais marcam hoje sua fisionomia? — A partilha foi muito rica e interessante.

No terceiro ponto — Mulher Consagrada e Cultura Popular — o grupo contou com a presença de Irmã Ana Roy que ajudou a refletir sobre o tema a partir de sua grande experiência de trabalho com mulheres dos meios populares.

O estudo vai continuar durante todo o ano de 1993, na medida em

que vai sendo preparado o 2º seminário sobre a Mulher Consagrada. Oportunamente, toda esta reflexão será partilhada, para que produza mais frutos.

É desta forma que o GRMC vai cultivando sonhos e espalhando sementes, na certeza de que o Espírito da Vida lhes dará a fecundidade e o crescimento.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1: *A mulher consagrada pouco aparece nas histórias do Brasil e mesmo nas histórias da Igreja no Brasil. Como, em sua congregação, se está dando atenção à dimensão*

feminina na percepção do carisma? Está havendo investimento nesta área?

2. *O documento preparatório ao Sínodo sobre a Vida Consagrada pergunta quais as oportunidades e os problemas que se deparam na questão da mulher religiosa. Considerando a lista elaborada pelo GRMC neste artigo, quais tocam mais de perto sua comunidade e o lugar onde vivem sua missão? Que dificuldades e esperanças colocam?*

3. *No resgate do rosto feminino na vida religiosa e através da vida religiosa, que contribuição sua congregação e comunidade local têm dado? Que alegrias e tristezas podem ser enumeradas?*

Educação: Ordens e Congregações

Em nosso país, educadoras e educadores cristãos acham-se presentes, desde o início da história da nossa educação, exercendo larga influência na evolução e na dinâmica da educação brasileira. Não se pode falar em educação, entre nós, sem se mencionar o trabalho das ordens religiosas, em especial, dos jesuítas nos colégios e nas "escolas de ler e escrever", instaurando processos novos para a educação indígena. Personalidades como Nóbrega, Anchieta e Malagrida fazem parte de uma ilustre cadeia de educadores em nosso país. Entre os padres Seculares, no século XIX, destaca-se a figura do Padre Ibiapina, cearense, considerado apóstolo do Nordeste, graças, em especial, ao seu extraordinário trabalho educativo. Em fase mais recente, nos inícios da República, chegaram ao Brasil inúmeras Congregações modernas, cuja carisma é o da educação da juventude. Em um tempo curto, foram capazes de implantar uma imensa rede de instituições de educação voltada para o ensino das classes médias e para o atendimento da infância carente. No campo da educação feminina, foi significativo e pioneiro o trabalho realizado pelas educadoras religiosas, contando sempre com a participação de leigas e leigos. *Documentos da CNBB, 47: Educação, Igreja e Sociedade, 37.*

MARIA

NO DOCUMENTO

DE SANTO DOMINGO

Apesar de limitações e lacunas dignas de nota, a tradição Puebla-Santo Domingo oferece um quadro significativo a respeito da Mãe de Jesus. Maria é figura inspiradora de todo cristão e cristã no seguimento de Jesus.

Irmão Afonso Murad, FMS
Belo Horizonte, MG

Maria é uma pessoa que faz parte da vida da nossa Igreja. Está presente na espiritualidade de muitos institutos religiosos. No momento em que nos voltamos para conhecer o Documento de Santo Domingo (DSD), parece proveitoso também se deter na sua mensagem sobre Maria. É certo que a Conferência de Santo Domingo não foi um congresso de mariologia e nem pretendeu (felizmente) esgotar tudo o que se podia falar sobre Ela. Mas os artigos que se referem à Maria, lidos na linha de Medellín e Puebla (DSD 1,179,263,290) e em consonância com o espírito do Vaticano II, serão boas balizas para nossa reflexão e vida. Por outro lado, o DSD, como qualquer documento humano, apresenta suas limitações, acentuadas devido ao processo tumultuado e confuso no qual o texto foi elaborado. Apontaremos então algumas ausências que tornam incompleto o mosaico sobre Maria, e as reflexões que poderiam ser mais conseqüentes. Para isso se faz necessário, antes de tudo, compreender os diferentes níveis ou patamares que constituem a mariologia.

tuado e confuso no qual o texto foi elaborado. Apontaremos então algumas ausências que tornam incompleto o mosaico sobre Maria, e as reflexões que poderiam ser mais conseqüentes. Para isso se faz necessário, antes de tudo, compreender os diferentes níveis ou patamares que constituem a mariologia.

1. OS PATAMARES DA MARIOLOGIA

No horizonte católico, a reflexão sobre Maria passou e passa ainda por quatro diferentes patamares: histórico, bíblico, cultural e dogmático.

a. Nível histórico

O primeiro nível abrange Maria de Nazaré, a mulher judia da Gali-

léia, analfabeta, que foi a mãe de Jesus e membro de seu grupo itinerante. Diríamos que este nível é algo submerso no tempo, dificilmente acessível de forma direta. Pouco se sabe seguramente sobre Maria, partindo dos dados meramente históricos.

b. Nível bíblico

O segundo patamar compreende a figura de Maria atestada no Novo Testamento, especialmente nos evangelhos. Alguns preferem denominar de "Maria Pascal", pois a sua pessoa é lida à luz da experiência do ressuscitado, de pentecostes e de sua presença na Igreja das origens. Aqui nos defrontamos com um grande pluralismo (1).

Na concepção de *Marcos*, Maria não desempenha nenhum papel especial. Ao contrário, o texto dá margem para supor que Maria está no meio dos familiares de Jesus, que têm dificuldade de compreender a sua boa-nova (Mc 3,20s.31-35 e 6,4). Jesus, relativizando a família biológica, diz claramente que o importante é associar-se à "nova família" dos seus seguidores.

A figura de Maria ganha alguns traços relevantes em *Mateus*, que a considera como a mãe virginal do messias (Mt 1,16.18-23). Mateus não discorre sobre as qualidades de Maria, pois o seu "relato de infância" (Mt 1-2) tem José como protagonista. Mas Mateus atenua a tensão entre as exigências do seguimento e a posição da família de Jesus, reduzindo ou suprimindo re-

ferências de possível incredulidade dos seus parentes próximos (Mt 12,46-49 e 13,57, em comparação com os textos de Marcos acima citados).

Lucas, por sua vez, aprofunda e amplia a percepção sobre Maria. Para ele, Maria é a única pessoa que vive as três fases da realização da boa-nova: a do povo judeu que espera com alegria o messias, a de Jesus que inaugura o Reino, a da Igreja que expande a boa-nova da Salvação "até os confins da terra". Maria é colocada com a primeira discípula, que agraciada por Deus (Lc 1,28-30) ouve a Sua palavra, crê na fé, guarda no coração, medita e a põe em prática, produzindo frutos (Lc 1,26.42; 2,19.51; Cf. 8,15). Lucas anula a tensão entre a família de Jesus e seus seguidores (Lc 4,24; 8,19-21). Tematiza que a chave de compreensão da pessoa de Maria não é a sua maternidade, mas a fé (Lc 11,27s). A maternidade de Maria é uma forma de exercício do discipulado (seguimento), não a sua causa. Lucas também explicita que a fé de Maria experimenta um processo de crescimento. A compreensão do sentido dos fatos não é dada automaticamente (Lc 2,50). A fé exige da parte dela, ao contrário, discernimento, esforço (2,19.51) e deixar-se penetrar pela espada cortante da palavra viva de Jesus (Lc 2,35, cf. Mt 10,34; Heb 4,12s; Apoc 1,16). Maria é a peregrina na fé, levando a cabo a atitude de Abraão. O Vaticano II reconhece que ela "avançou em peregrinação de fé" (LG 58). Portanto, a fé

realiza-se nela como dom e conquista.

O *quarto evangelho* dá mais um passo no desvelar da pessoa de Maria, mostrando-a unida a Jesus em dois momentos decisivos de sua missão de "Enviado do Pai". Maria participa do primeiro momento da manifestação de Jesus (Jo 2,1-12), estimulando a realização da vontade da sua vontade (Jo 2,5), e ajudando a reunir os discípulos, pela fé, em torno a ele (Jo, 2,11s). No momento da passagem de Jesus para o Pai, faz-se mãe e companheira do discípulo amado, figura da comunidade cristã do quarto evangelho (Jo 19,25-27).

c. Nível cultural

O terceiro patamar da mariologia é a cultural-simbólico. Este foi o que mais se desenvolveu no correr da história da Igreja. Comporta uma dimensão existencial e cultural propriamente dita. A "veneração" existencial significa reconhecer e recriar os traços de Maria na vida de cada cristão: a fé, o discipulado, a maternidade (Cristo "toma corpo" em cada seguidor seu), e a disponibilidade apostólica. A relação cultural explícita compreende o reconhecimento do lugar especial de Maria na comunhão dos Santos, incluindo a presença ativa na vida da Igreja peregrinante e uma relação de intercessão e louvor (2).

O crescimento vertiginoso do culto à Maria, despregando-se muitas vezes do patamar bíblico, misturando-se acriticamente com ele-

mentos da cultura (por exemplo, as figuras da "deusa mãe"), foi e é ainda um sério desafio para uma fé equilibrada. Mereceu ser objeto de atenção do Concílio Vaticano II. O capítulo VIII da *Lumen Gentium* incluiu Maria no "mistério de Cristo e da Igreja" (LG 52-68). Evita assim o perigoso desequilíbrio de uma mariologia maximalista e não subordinada à Cristologia.

Paulo VI, na sua encíclica sobre o Culto à Maria hoje, "*Marialis Cultus*" (MC), é até mais ousado. Reconhece que as manifestações da piedade mariana têm se revestido de formas múltiplas, de acordo com as circunstâncias de tempo e lugar, com a diversa sensibilidade dos povos e com as suas diferentes tradições culturais. Como são sujeitas ao desgaste do tempo, necessitam de renovação, para valorizar os elementos perenes e substituir os caducos, incorporando os dados da reflexão teológica e do magistério. Trata-se de fazer uma verdadeira revisão dos exercícios de piedade mariana, com respeito pela sã tradição e "abertura para receber as legítimas instâncias dos homens de nosso tempo" (MC 2.). O culto mariano deve seguir os seguintes critérios: ser cristológico e trinitário (MC 25), colocar Maria no lugar que ela ocupa na Igreja (MC 27), ter cunho bíblico e litúrgico (MC 30s), ser sensível às novas concepções antropológicas e a realidade psico-sociológica (MC 34), e alimentar o senso ecumênico (MC 32). A esse respeito, alerta Paulo VI: "sejam evitados, com

todo o cuidado, quaisquer exageros, que possam induzir em erro os outros irmãos cristãos, acerca da verdadeira doutrina da Igreja Católica; e sejam banidas quaisquer manifestações cultuais contrárias à reta praxe católica" (MC 32).

O pós-concílio viu um interregno de crise do culto mariano. Atualmente, florescem novas e antigas formas de devoção à Maria, compreensíveis dentro do contexto de "volta do sagrado". A Igreja reconhece a legitimidade e utilidade deste culto (LG 66, MC 56s). Alerta no entanto, que este culto não pode se nutrir de elementos meramente exteriores, eivados de um sentimentalismo estéril e passageiro que desembocam numa vã credulidade (LG 67, MC 38). "A finalidade última do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria é glorificar a Deus e levar os cristãos a aplicarem-se numa vida absolutamente conforme à sua vontade" (MC 39).

d. Nível dogmático

O último patamar da mariologia compreende os quatro dogmas marianos: a virgindade, a maternidade, a Imaculada Conceição e a Assunção. As duas primeiras definições dogmáticas têm raízes bíblicas e se desenvolveram fundamentalmente nos primeiros séculos, paralelamente às definições cristológicas. As duas últimas dependeram especialmente da "fé atual" da Igreja e do crescimento vertiginoso do culto mariano nos últimos sé-

culos. Aumentaram sobremaneira o abismo entre o catolicismo e as denominações cristãs evangélicas, a começar pela ausência de dados bíblicos. Neste sentido, cumpre lembrar a orientação do Vaticano II, no decreto sobre a Prática do Ecumenismo: existe uma ordem ou hierarquia de verdades de fé na doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diverso (UR 11). Os quatro dogmas marianos apresentam diferente valor para o conjunto da fé.

Os dogmas marianos devem ser continuamente reinterpretados, pois sustentam afirmações não só de caráter histórico-fatual, mas simbólico-relacional. Dizem algo não somente a respeito de Maria, mas também do cristão, da Igreja e da humanidade. O sentido de cada dogma mariano deve ser buscado, levando em conta a sua posição em relação ao centro da fé, as contribuições recentes da teologia, e a sensibilidade atual das pessoas e culturas.

Os quatro níveis ou patamares da mariologia (histórico, bíblico, cultual e dogmático) estão em contínua relação. Pressupõem-se mutuamente. Da sua correta articulação depende uma mariologia séria e significativa, embora seja normal que na pastoral exista uma certa mistura e indiferenciação. A partir destas considerações, vejamos então como o DSD considerou a figura histórica, bíblica e cultual-dogmática de Maria.

2. MARIA, A PERFEITA DISCÍPULA

a. Figura inspiradora do cristão

O documento de Santo Domingo consegue tocar no núcleo bíblico-teológico de Maria. Ela é caracterizada como a mulher de fé, perfeita discípula, simultaneamente a primeira evangelizada e a perfeita evangelizadora (DSD 15). Maria é a figura inspiradora de todo cristão e cristã por causa de "seu testemunho de oração, de escuta da Palavra Deus e de pronta e fiel disponibilidade ao serviço do Reino até a cruz" (DSD 15). Deixou-se embeber tamanhamente pela presença e ação de Deus a tal ponto que é a primeira redimida. Respondeu com tanta intensidade e profundidade à interpelação divina que se tornou a primeira crente cristã, não só na ordem cronológica (antes dos outros), mas ontológica (na total densidade de seu ser e existir).

O DSD usa a palavra "modelo", para aludir à característica exemplar de Maria para todo cristão, seja homem ou mulher. O termo tem alguns inconvenientes. Pode soar como algo já pronto, que se deve simplesmente copiar ou "modelar", usando para isso uma "forma de molde". Neste sentido literal, Maria não é modelo. Não existem modelos — no sentido estrito da palavra — para viver o seguimento de Jesus. Melhor seria falar em "figura inspiradora". Olhando para Maria o cristão toma referências e estímulos para viver

a fé, de uma forma sempre original. O termo "inspirar" lembra na sua etimologia o gesto de deixar entrar ar nos pulmões. Assim é a figura de Maria: um ar que oxigena, alenta, anima, renova. Não um molde para configurar atitudes externas. Puebla usa uma vez o termo "fonte de inspiração" (DP 168). Neste sentido já alertara Paulo VI:

"Antes de mais nada, a Virgem Maria foi sempre proposta pela Igreja à imitação dos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que Ela levou ou, menos ainda, por causa do ambiente sócio-cultural em que se desenrolou a sua existência, hoje superado quase por toda a parte; mas sim, porque, nas condições concretas da sua vida, Ela aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (Lc 1,38); porque soube acolher a sua palavra e pô-la em prática, porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço; e porque, em suma, Ela foi a primeira e a mais perfeita discípula de Cristo — o que, naturalmente, tem um valor exemplar universal e permanente" (MC 35).

Em segundo lugar, lembra o DSD, Maria é uma figura inspiradora *para as mulheres latino-americanas*. Estas, no seu esforço de vencer o peso de uma sociedade patriarcal que as reduzem a pessoas humanas de segunda categoria em confronto com os homens, podem ver em Maria a "*protagonista da História*" (DSD 104). Paulo VI lembrava, na "*Marialis Cultus*" que Maria não era uma mulher passiva-

mente submissa ou de uma religiosidade alienante. Nem muito menos uma mãe ciosamente voltada para o seu filho. Antes, mostrou-se como mulher madura, capaz de dar um consentimento ativo e responsável para um projeto amplo e ousado (Cf. MC 37s). Embora tendo um influxo especial para as mulheres, estes traços de Maria valem para todos. O protagonismo na história postula responsabilidade e busca de caminhos inéditos. Assim, afirma Puebla, "Maria não é apenas o fruto admirável da redenção; é também sua cooperadora ativa. Em Maria se manifesta preclaramente que Cristo não anula a criatividade dos que o seguem. Ela, associada a Cristo, desenvolve todas as suas capacidades e responsabilidades humanas..." (DP 293).

Em terceiro lugar, Maria é a perfeita discípula que inspira e anima os religiosos e religiosas na América Latina: "a Virgem Maria, que pertence tão profundamente à identidade cristã de nossos povos latino-americanos, é modelo de vida para os consagrados e apoio seguro de sua fidelidade" (DSD 85d).

O DSD, no entanto, apresenta duas lacunas sérias no que diz respeito à imagem histórico-bíblica de Maria como "perfeita discípula".

b. Maria profeta

Um dos elementos mais marcantes da pessoa de Maria, resgatado pela teologia latino-americana nos últimos anos foi a sua consciência

social e profética. Redescobriu-se o Magnificat, com todo o seu potencial de denúncia e esperança da justiça de Deus sobre a realidade (Lc 1,46-55). A Maria do Magnificat ajuda a superar o estereótipo de uma mulher submissa e alienada. Estimula todos os cristãos a associarem a atitude de alegria e pobreza de coração (Lc 1,47s) com o empenho em criar uma sociedade estruturalmente nova e justa. O seguimento de Jesus, neste continente, apresenta a marca particular de denúncia da injustiça e anúncio da predileção de Deus pelo seu povo sofrido. Paulo VI universalizou esta redescoberta da teologia e da espiritualidade da libertação:

"Maria de Nazaré, mesmo absolutamente abandonada à vontade de Deus, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo" (MC 37).

Puebla também evoca a Maria profética do Magnificat, servindo-se de um trecho de João Paulo II (3), com um teor mais matizado:

"No Magnificat (Maria) manifesta-se como modelo "para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da alienação, como se diz hoje, mas que proclamam com ela que Deus exalta os humildes e, se for o caso, derruba os poderosos de seus tronos" (DP 297)".

Infelizmente, o DSD apresenta um lamentável vazio sobre a Maria profética do Magnificat. Nem sequer uma alusão. A mensagem do Magnificat poderia iluminar teologicamente ao menos alguma parte do Cap. 2 da segunda parte, a respeito da promoção humana. Preferiu-se, ao invés, a referência às bodas de Caná, para falar da solícitude materna, tanto da Igreja como de Maria, para os necessitados (DSD 163). Tal ausência é explicável. O tema do profetismo foi expurgado do documento. Com exceção do artigo 50, a função profética da Igreja é assimilada no bloco da Santidade (e uma santidade desencarnada) e liturgia (DSD 31-53). Perde mordência e consistência (ver por exemplo, DSD 33).

c. A peregrina na fé

O DSD olvida outro aspecto importante do discipulado de Maria, e que tem uma enorme atualidade teológico-pastoral: o seu caminhar de fé. Em parte isto é compreensível, pois a mariologia depende da cristologia. E a reflexão cristológica da 1ª parte do DSD é muito limitada. Apresenta-se somente um Cristo glorioso e ressuscitado, reconciliador e redentor. O Cristo, "caminho novo e vivo, inaugurado a partir da humanidade de Jesus" (Cf. Heb 10,20) é colocado em segundo plano. Naturalmente isto tende a criar também uma mariologia abstrata, ideal, que não contempla a figura histórico-bíblica de Maria.

As citações sobre Maria no DSD a colocam de tal forma, que parece que ela não necessitou crescer na fé. Ora, a total santidade de Maria, afirmada pelo dogma católico da Imaculada, não deve obscurecer a dimensão processual de sua fé. A crítica histórica e teológica sustenta, por exemplo, que Maria teve que fazer certas "correções de rota" na sua vida. A principal seria a troca de prioridades. De mãe, "reduzir-se" a discípula. Relativizar os laços familiares, em benefício do seguimento. Maria enfrentou crises, superadas na e pela fé (4). Afirma a este respeito J. Pikaza:

"Maria, Mãe de Jesus, viveu e solucionou de forma positiva esta grande crise. Ela descobriu que não pode ter pretensões sobre o Cristo (Mc 3,34s): sabe que não deve gloriar-se em sua maternidade carnal (Lc 11,28) e sofre em sua própria entranha o escândalo e ruptura que Cristo suscita (Mc 6,1s; Lc 2,34s)... Na linha de Mc 10,29, poderíamos dizer que ela deixou a Jesus como filho próprio para realizar assim o caminho da fé, encontrando o Cristo universal, que a capacita a recuperar o seu mesmo filho a partir do centro da nova família messiânica" (5).

Destacar que Maria é figura inspiradora como peregrina na fé não diminui a sua grandeza. Coloca-o, ao contrário, no seu lugar. Ela não é um modelo inatingível. Está muito próxima a nós, conhece as nossas dificuldades, embora a intensi-

dade de sua adesão a Deus tenha sido muito maior que a nossa.

3. MARIA, O ESPÍRITO E A IGREJA

a. Maria e pentecostes

Maria é uma presença viva na Igreja, associada ao Espírito Santo. Este é representado tantas vezes como o vento impetuoso, renovador e imprevisível da atuação divina (Jo 3,5-8; At 2,1). Os bispos, iniciam o DSD com esta proclamação:

“Reunidos como num novo cenáculo, em torno de Maria a Mãe de Jesus, damos graças a Deus pelo dom inestimável da fé e pelos incontáveis dons de sua misericórdia. Pedimos perdão pelas infidelidades à sua bondade. Animados pelo Espírito Santo, nos dispomos a impulsionar, com novo ardor, uma Nova Evangelização que se projete num maior compromisso pela promoção integral do homem e impregne com a luz do Evangelho as culturas dos povos latino-americanos. É o Espírito quem deve nos dar a sabedoria para encontrar os novos métodos e as novas expressões que façam o único Evangelho de Jesus Cristo mais compreensível hoje a nossos irmãos, para assim responder aos novos desafios” (DSD 1).

O documento lembra, outras duas vezes, a relação íntima entre Maria, o Espírito e a Igreja, a partir de Pentecostes. O Espírito Santo foi derramado sobre os apósto-

los reunidos com Maria no cenáculo (Cf. At 1,12-14; 2,1). Esta infusão transforma a Igreja no “Novo Povo de Deus”, ordenado ao Reino, do qual é germe, sinal e instrumento (DSD 7). Pentecostes sinaliza também a atuação do Espírito de Jesus ressuscitado que penetra e transforma os povos de diversas culturas (DSD 229c). O evento mostra em germe uma missão sem fim da Igreja: ser capaz de “falar em outras línguas” (no texto original de At 2,4: “lalein hetérais glóssais”) e ajudar que os diferentes grupos humanos possam ouvir a Boa-Nova “na sua própria língua” (At 2,8 em grego: *tê idía dialécto*).

A língua é mais do que um conjunto de sinais sonoros codificados. Ela expressa algo próprio de cada povo, de sua compreensão do mundo e de si mesmo. Pronunciar a mensagem do Evangelho para que cada grupo cultural entenda em sua própria língua não é primariamente uma questão de tradução lingüística, mas de inculturação. Caso contrário, o problema seria resolvido, hoje em dia, com os intérpretes de tradução simultânea. Esta tarefa exige, da parte do evangelizador, a capacidade de um falar diferente (hétero) do que está habituado. Um esforço enorme de “decentrar-se”, sair de si para entrar no esquema mental do outro. Da parte de quem recebe a mensagem, a primeira reação positiva é sentir que ela, embora vindo de fora com seu poder desestabilizador, toca e sintoniza com algo que lhe é íntimo e próprio (idíós). So-

mente assim se pode conciliar a perspectiva missionária do cristianismo com o respeito ao específico das culturas. A proximidade entre a efusão do Espírito, a inculturação e Maria não é, no entanto, suficientemente desenvolvida no Documento de Santo Domingo.

A associação da Igreja com Maria e o Espírito Santo no cenáculo (DSD 1,7,228,229) é teologicamente correta e infunde esperança ao corpo eclesial. O artigo 1, já citado, exprime confiança na ação do Espírito e esforço sistematizado em buscar formas adequadas para responder às suas interpelações. Mas, à medida que se adentra no documento, parece que se perdeu muito desta ousadia que o Espírito infunde. As linhas pastorais concretas, por exemplo, apresentam em grande parte uma visível timidez. Parece que há medo de se arriscar.

b. Maria, figura inspiradora da Igreja

Maria é a figura inspiradora da Igreja de muitos modos e por muitos motivos. O Documento de Santo Domingo destaca alguns. Em primeiro lugar, devido à sua dimensão materna, a Igreja se assemelha à Maria enquanto gera, pela pregação e pelo batismo, novos filhos de Deus (DSD 7b, evocando LG 64 e MC 19). Em segundo lugar, no seu esforço de inculturar-se, a Igreja volta seus olhos para Maria, a mulher judia que representa o povo da antiga aliança, com toda a sua realidade cultural, que se abre à novidade do Evangelho

(DSD 229c). Em terceiro lugar, "Maria, a mulher solícita ante a necessidade surgida nas bodas de Caná, é modelo e figura da Igreja ante toda forma de necessidade humana (cf. Jo 2,3ss). À Igreja, assim como a Maria, Jesus recomenda preocupar-se pelo cuidado maternal da humanidade, sobretudo dos que sofrem (cf. Jo 19,26-27; DSD 163)",

Apontadas as semelhanças, resta lembrar uma diferença qualitativa: a Igreja peregrina na história e chamada à santidade é marcada pelo estigma do pecado. Maria, por sua vez, tematiza e antecipa a esperança de uma Igreja toda aberta aos desígnios de Deus na história. Para usar a imagem bíblica, ela é a mulher sem mancha nem ruga (Ef 5,27; DSD 32).

O capítulo da Nova Evangelização começa com uma reflexão sobre a santidade (DSD 31-53), na qual Maria é caracterizada como a Igreja santa já realizada, sem mancha nem ruga. No entanto, não tira daí conseqüências importantes. A mancha alude ao pecado, que conspurca a realidade humana, sustentando a sua abertura radical ao projeto de Deus. A ruga, no seu sentido primigênio, evoca o movimento anti-jovial, a manifestação da tendência ao envelhecimento, com as suas limitações inerentes: perda crescente de vitalidade, endurecimento das articulações, morosidade nos movimentos, dificuldade de adaptar-se às novas situações, etc. A santidade da Igreja consiste na atualização e mediação do projeto

de Deus sobre a humanidade. Na sua realização concreta inclui o combate às rugas do tradicionalismo, do legalismo e do clericalismo, que enrijecem o corpo eclesial. A santidade convoca à flexibilidade das pessoas e das estruturas. As conquistas da tradição, o uso da lei, as normas litúrgicas, a função positiva da hierarquia, tudo isso pode e deve estar a serviço da santidade da Igreja, mas não é o seu sinônimo nem garantia suprema.

4. MARIA, PRESENÇA VIVA E ATIVA

A ação de Maria na Igreja não se limita ao seu caráter exemplar, ao fato de ser modelo (ou melhor: figura inspiradora) para cada cristão, as mulheres em especial, e a Igreja como comunidade de fé. O documento reconhece uma atuação viva e profícua de Maria no dia a dia da nossa vida de fé.

a. Maria e inculturação do Evangelho

Maria, a partir de Guadalupe, contribui na criação de uma face mestiça e latino-americana do cristianismo.

“Mãe e educadora do nascente povo latino-americano, em Santa Maria de Guadalupe, através do Beato Juan Diego, é oferecido um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada” (DSD 15).

Guadalupe não é a única “Nossa Senhora” latino-americana, mas a primeira e privilegiada expressão

de Maria com rosto deste continente. Dada o seu forte matiz devocional, a pessoa de Maria está especialmente caracterizada na América Latina pelas diferentes “Nossas Senhoras”. Há Nossas Senhoras de origem ou matiz latino-americana, como Guadalupe, Copacabana e Aparecida. Outras são provenientes da Europa e foram assumidas por certas culturas oprimidas, como Nossa Senhora do Rosário, pelos negros em algumas regiões do Brasil. Não há *uma* Maria inculturada na religiosidade popular de nosso continente, mas várias. Caso contrário, dificilmente seria expressão de inculturação, mas de dominação cultural. As “Marias” ou “Nossas Senhoras” tiveram e têm uma função eminente na vida das maiorias oprimidas.

“Sua figura materna foi decisiva para que os homens e mulheres da América Latina se reconhecessem em sua dignidade de filhos de Deus” (DSD 15).

O documento de Puebla afirma que “desde os primórdios — em sua aparição e invocação em Guadalupe — Maria se tornou o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo com quem ela nos convida a entrar em comunhão” (DP 282). O estudo de A. Gonzáles Dorado (6) mostra como se realizou uma passagem decisiva na religiosidade popular. Nos inícios, Maria era “a conquistadora” que acompanhava os portugueses e espanhóis. Para os indígenas, ela representava a deusa dos invasores. A partir de

Guadalupe, Copacabana, e das lutas de libertação nacional, Maria assume paulatinamente a feição de "mãe dos oprimidos".

Esta mudança, no entanto, não se dá sem ambigüidades. Maria é compreendida preferencialmente como "nossa mãe", dentro das coordenadas culturais da imagem de mãe oferecidas pela sociedade patriarcal e rural. Os grandes santuários marianos, ao mesmo tempo que expressam a resistência da cultura e da religião do povo, podem ser manipulados pelas elites a serviço de um catolicismo triunfal e alienado.

É necessário um olhar crítico para ir além da afirmação do DSD: Maria "está presente nas nossas terras como Mãe comum, tanto dos aborígenes como daqueles que para cá vieram, propiciando desde o início a *nova síntese cultural* que é a América Latina e o Caribe" (DSD 230c). Quais as vantagens e os limites desta síntese, se ela de fato existe? Uma real síntese cultural comporta assimilação, arranjo e remanejamento de diferentes componentes, de construção e nova configuração. Na América Latina, ao contrário, existem bolsões enormes de "culturas oprimidas", desafiando a tese de uma "síntese cultural". Não há uma convivência tranqüila entre diferentes culturas e sub-culturas, mas simultaneamente um complexo processo de interação, conflito, fascínio e dominação.

b. Maria e a luta das mulheres

Maria, proclama o DSD, tem uma atuação especial junto às mulheres. O artigo é de uma beleza incomparável, e fala por si:

"Maria tem representado um papel muito importante na evangelização das mulheres latino-americanas e tem feito delas evangelizadas eficazes, como esposas, mães, religiosas, trabalhadoras, camponesas, profissionais. Continuamente lhes inspira a fortaleza para dar a vida, debruçar-se sobre a dor, resistir e dar esperança quando a vida está mais ameaçada, encontrar alternativas quando os caminhos se cerram, como companheira ativa, livre e animadora da sociedade" (DSD 104).

Inegavelmente, um dos "sinais dos tempos" da Igreja e na sociedade latino-americanas é o crescente protagonismo das mulheres. Elas não podem ser consideradas como "minorias oprimidas". Primeiro, pelo fato de serem a metade da população. Segundo, porque são um significativo grupo emergente na sociedade. As mulheres estão mostrando, como bem apontou o DSD, que têm uma grande capacidade de resistência, de esperança e criatividade. Nos setores populares, as mulheres têm demonstrado maior força para fazer frente ao poder destruidor da crescente miséria. Basta ver, por exemplo, que o alcoolismo tem uma incidência muito maior nos homens. Na Igreja, a maioria dos animadores de comunidade, catequistas, co-

ordenadores de grupo (e os participantes) são mulheres.

O documento de Santo Domingo reserva à temática da mulher os artigos 104 a 110. Afirma, entre outras coisas, que “a nova Evangelização deve ser promotora decidida e ativa da dignificação da mulher. Isso supõe aprofundar o papel da mulher na Igreja e na sociedade” (DSD 105). O caminho de superação de uma sociedade patriarcal é longo. O machismo e a discriminação de papéis ainda estão muito arraigados, tanto no homem como na mulher. Qual o lugar de Maria na luta pela dignificação da mulher? O documento assume uma posição positiva e estimuladora. Afirma que Maria age nas mulheres, ajudando-as a exercer de forma libertadora um amplo leque de papéis e funções, em casa, nos ambientes de trabalho, na sociedade. Não faz menção, no entanto, ao influxo limitador que a figura tradicional de Maria exerce sobre as mulheres. Consolar é perceber que a imagem de Maria está passando por uma mudança significativa. Deixa de servir ao estereótipo da mulher submissa, subserviente ao homem, reduzida ao espaço da casa. Mas há muito o que se fazer ainda.

Existe uma relação recíproca entre imagem de mulher e imagem de Maria. O estudo de Gonzáles Dorado, já citado, exemplifica como a figura da mãe, na sociedade patriarcal e rural, condiciona a compreensão de certos traços de Maria e fecha a compreensão de outros.

À mãe se atribui uma grande força, um enorme potencial reconciliador, que no entanto não questiona a primazia do macho. Maria é compreendida, neste contexto, como a “nossa mãe”, sempre próxima a acolher e perdoar seus filhos. Mas a Maria discípula e profeta não é colocada à luz. A Igreja, deve, portanto, realizar a dupla função de resgatar a figura da mulher (o que beneficiará também o homem), e ao mesmo tempo pôr em relevo aspectos esquecidos da pessoa de Maria.

c. Maria, intercessora e companheira de caminho

Maria é reconhecida no DSD como a companheira de caminho e intercessora de seu povo:

“Ela nos precedeu na peregrinação da fé e no caminho da glória, e acompanha os nossos povos que a invocam com amor até que nos encontremos definitivamente com o seu Filho. Com alegria e gratidão, acolhemos o dom imenso de sua maternidade, e aspiramos a amá-la do mesmo modo como Jesus a amou. Por isso a invocamos como estrela da Primeira e da Nova Evangelização” (DSD 15).

A intercessão a Maria é uma prática típica, muito arraigada no cristianismo católico. Oferece até hoje alguns “senões” teológicos e pastorais, no diálogo ecumênico com Igrejas cristãs evangélicas. Partindo do dado querigmático da centralidade cristológica da fé, que Jesus é o único mediador (1 Tim

2,5, Heb 8,6; 9,15; 12,24), estas Igrejas questionam a importância tida como "excessiva" à pessoa de Maria. Os católicos respondem, invocando a comunhão dos santos, onde Maria tem um lugar especial. O Concílio Vaticano II assevera que a missão materna de Maria a favor da humanidade não obscurece nem diminui a mediação única de Cristo, mas ao contrário mostra a sua potência. O influxo de Maria a favor nosso não se origina de uma necessidade interna, mas do dom de Deus. Não impede, mas até favorece a união imediata dos fiéis com Cristo (LG 60).

O DSD parece ignorar ou minimizar o problema real do culto mariano maximalista, seja porque o ecumenismo não é assumido como prioridade, seja porque o vulto que surge no horizonte, suscitando perplexidade e temor, não é o das Igrejas evangélicas reconhecidas (luterana, presbiteriana, metodista...) mas o das seitas.

O segundo aspecto, da presença de Maria como companheira de qualidade na vida cristã tinha sido explicitado por Puebla de forma particular:

"Enquanto peregrinamos, Maria será a mãe e educadora da fé. Ela cuida que o Evangelho nos penetre intimamente, plasme nossa vida de cada dia e produza em nós os frutos de santidade. Ela precisa ser cada vez mais a pedagoga do Evangelho na América Latina" (DP 290).

Resta compreender o que significa o título "Estrela da Evangelização", atribuído a Maria (DSD 15, última frase). Remete-se a Paulo VI, na sua exortação apostólica sobre a "Evangelização no Mundo Contemporâneo". Afirma o Papa:

"Na manhã de pentecostes, ela presidiu na prece o iniciar-se da evangelização, sob a ação do Espírito Santo; que ela seja a estrela da evangelização sempre renovada, que a Igreja (...) deve promover e realizar, sobretudo nestes tempos difíceis mas cheios de esperança" (EN 82).

Maria é a estrela da Evangelização porque existe toda para apontar a Cristo, ajudar aos homens e mulheres que o procuram a encontrá-lo no desconcertante e surpreendente bebê deitado na manjedoura de Belém (Mt 2,9s). Traz Jesus nos braços, para que seja adorado e reconhecido (Mt 2,10s). Pede para que os servidores façam tudo o que Ele disser (Jo 2,5). Não sem razão alguns místicos já identificaram Maria com a lua: recebe de Cristo, o nosso sol, toda luz, e põe a beleza de seu brilho a serviço da humanidade. Na antiga tradição da Igreja Maria era invocada como "a estrela da manhã", a aurora que prepara e anuncia o advento do dia. Outra imagem antiga, também pertencente a uma invocação, é de Maria como "estrela do mar", que guia os navegantes no meio dos reveses da vida. Todas estas analogias têm em comum o fato de ressaltar que Maria cumpre uma

missão orientadora e direcionadora para Jesus; faz-se toda comunicação e nada retém para si. Essas imagens podem inspirar a Igreja, no sentido de evitar todo triunfalismo e eclesiocentrismo, mantendo-se como serva da Boa-Nova.

4. ALGUMAS AMBIGÜIDADES

1. Maria: sinal característico da Igreja Católica?

Um ponto ambíguo do DSD é insinuar que Maria é sinal característico da Igreja católica, uma das armas para garantir sua identidade no confronto com as seitas. O artigo 143 (e 142c) carrega um ranço conservador espantoso. Indica um bloco massivo de características católicas romanas que serviriam para combater os "crentes": devoção à eucaristia como sacrifício e banquete pascal, devoção à Santíssima Virgem — Mãe de Deus e da Igreja, comunhão e obediência ao Papa e ao bispo, devoção à palavra de Deus lida na Igreja (DSD 143). Estas foram as armas que o catolicismo pós-tridentino utilizou na Europa, durante alguns séculos. Têm a séria limitação de identificar o "católico" por oposição ao protestante em aspectos que podem ser externos: "devoções" e "obediência à autoridade eclesiástica". Não se vai à raiz da catolicidade.

Uma postura lúcida no que se refere à figura de Maria, como resposta às investidas das seitas, não tem como ponto de partida simplesmente a "devoção". Busca seu fun-

damento mais atrás: no reconhecimento da atuação e da presença de Maria na vida de Jesus e de seus seguidores, já testemunhada pela comunidade apostólica, especialmente nos relatos de Lucas e João.

2. Maria, selo distintivo da cultura latino-americana?

A ambigüidade cresce mais, quase tocando as raias do equívoco, quando se afirma que "Maria é selo distintivo da cultura do nosso continente" (DSD 75). A frase é tão triunfalista quanto vazia de conteúdo concreto. Que selo é este? De que Maria se está falando? A afirmação poderia, no mesmo tom hiperbólico, ser usada para certas regiões tradicionais da Espanha ou da Itália, onde a cultura impregnada de símbolos católicos tem em Maria um grande foco de atenção.

O documento de Puebla, ao referir-se a este assunto, fez uma abordagem mais feliz. Por um lado, reconhece sem medo ou vergonha que Maria é um fator de resistência da identidade católica popular, mas não faz disto "cavalo de batalha":

"Sabe o povo que encontra Maria na Igreja católica. A piedade mariana é com frequência o vínculo resistente que mantém fiéis à Igreja setores que carecem de atenção pastoral adequada" (DP 284) ... "O povo fiel reconhece na Igreja a família que tem por mãe a mãe de Deus. A Igreja confirma o seu instinto evangélico segundo o

qual Maria é o modelo perfeito do cristão, a imagem ideal da Igreja” (DP 285).

3. Purificação da devoção popular mariana?

O DSD afirma muitas vezes que é preciso criar uma liturgia inculturada (DSD 34,35,43, 53,117, 145, 152,156,240, 248,254,256, 294). Neste contexto, adverte sobre a necessidade de resgatar os valores da devoção popular mariana, purificando-os e atualizando-os:

“Temos de promover uma liturgia que, em total liberdade ao espírito que o Concílio Vaticano II quis recuperar em toda sua pureza, busque, dentro das normas dadas pela Igreja, a adoção das formas, sinais e ações próprias das culturas da América Latina e Caribe. Nesta tarefa dever-se-á dispensar uma especial atenção à valorização da piedade popular, que encontra sua expressão especialmente na devoção à Santíssima Virgem, das peregrinações aos santuários e nas festas religiosas, iluminadas pela Palavra de Deus. Se nós, pastores, não nos empenharmos a fundo em acompanhar as expressões de nossa religiosidade popular, purificando-as e abrindo-as a novas situações, o secularismo impor-se-á mais fortemente em nosso povo latino-americano e a inculturação do Evangelho será mais difícil” (DSD 53).

No entanto, o documento sustenta a hipótese questionável que

as formas da religião popular nascem do dogma católico (DSD 36). Conecta indevidamente a piedade popular com a liturgia (DSD 53, citado acima). Ora, enquanto a liturgia é regrada pela autoridade eclesiástica, que a legitima e corrige, as formas de manifestação piedosa da religião do povo seguem as suas próprias leis, tanto de criação como de interpretação. Não se submetem facilmente às mudanças propostas pela hierarquia, ou mesmo por agentes de pastoral, progressistas ou conservadores. De uma maneira geral, as expressões da religião popular são muito mais inculturadas do que a liturgia oficial (DSD 36). Tanto é verdade que têm uma vigência e capacidade de sobrevivência inimagináveis. O problema se coloca a dois níveis: que tipo de fé elas veiculam e como se articulam no imaginário social urbano, reconhecidamente complexo e sempre em mudança. A questão central não são as práticas, mas a que perguntas e necessidades elas respondem, relacionando ou não a fé com a vida.

5. CONCLUSÃO

Apesar de limitações e lacunas dignas de nota, a tradição Puebla-Santo Domingo oferece um quadro significativo a respeito da mãe de Jesus. Maria é figura inspiradora de todo cristão e cristã, por sua atitude fundamental de abertura radical à interpelação divina e de seguimento a Jesus. Especialmente para as mulheres, Maria é um sinal concreto e lapidar de protagonista da história. Alguém que ao

mesmo tempo que se oferece totalmente a Deus mantém sua personalidade e criatividade. Maria é também figura inspiradora da Igreja por sua união íntima ao Espírito, como protótipo de inculturação da Boa-Nova, pela solicitude materna em favor dos necessitados, e pela experiência analógica da maternidade. Ela é imagem da Igreja escatológica, já realizando antecipadamente em si o que Deus sonhou para a comunidade eclesial, proposta como estímulo para a vida de fé, mas também uma pessoa viva e ativa no interior da comunidade eclesial, intercedendo por ela.

Maria ajuda a criar uma face mestiça e latino-americana do cristianismo. Como aconteceu nos inícios da história deste continente, Maria é também hoje pedagoga da fé que nos ajuda a entrar e seguir o caminho de Jesus. Ela é a estrela que sinaliza e aponta a Cristo. Para as mulheres, especialmente, Maria se faz companheira de luta que dá-lhes força, coragem e resistência. Uma equilibrada e madura "devoção mariana" longe de ser algo que separa os cristãos e cria rancores, deve recriar a mesma atitude básica de Maria: fazer-se servir do Senhor a serviço do Reino (Lc 1,38), e conclamar os outros a realizar o mesmo (Jo 2,5). No dizer do Padre Champagnat, fundador dos maristas, "Maria nos

conduz sempre a Jesus, porque o leva sempre nos braços ou no coração". Para isso faz-se necessária a mesma atitude básica da mãe de Jesus e perfeita discípula: renúncia a todo triunfalismo e abertura aos projetos de Deus.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou o debate em comunidade:

1. Ao apresentar Maria nas dimensões da figura inspiradora do cristão, profeta e peregrina na fé, o DSD nos leva a rever vários traços marianos tal como são apresentados no processo formativo de muitas congregações. Procure confrontar estes elementos com aqueles que você recebeu na sua formação e perceba em que devem ser reformulados à luz de Santo Domingo.

2. Maria é caracterizada como a "Igreja Santa" já realizada, sem mancha nem ruga, em DSD 31-53. Que semelhanças e diferenças podem ser notadas entre a imagem inspiradora de Maria e a realidade da Igreja local em que vive sua comunidade?

3. Dado o seu forte matiz devocional, a pessoa de Maria está especialmente caracterizada na América Latina pelas diferentes "Nossas Senhoras". Você percebe isto como um sinal positivo de inculturação da fé ou não?

NOTAS

(1) Cf. A. Casalegno, "O pluralismo mariológico no NT" in: *Teologia e De-*

voção Mariana no Brasil. Paulinas, 1989, 80-115; R. E. Brown (org.), *Maria no*

Novo Testamento. Paulinas, 1985, p. 16-42, 298-310. (2) Cf. W. Beinert, **O Culto à Maria hoje.** Paulinas, 1980, p. 29-50. (3) In: Homilia Zapopán, 4 AAS LXXI 230, citado no texto de Puebla. (4) Cf. X. Pikasa, **La madre de Jesus.** Sígueme, 1990, p. 200-215. (5) Idem, p. 208. (6) A. Gonzáles Dorado, **De Maria conquistadora a Maria Libertadora. Mariologia popular latino-americana.** Sal Terrae, 1989 Tradução brasileira: Ed. Loyola.

Pouca participação da família

O acelerado processo de transformações pelo qual passa a sociedade brasileira trouxe à família inúmeros problemas de ordem econômica, social e ética, culminando em muitos lares com a desagregação familiar. Os pais passam a delegar toda a responsabilidade educativa à escola, que por sua vez não encontra meios de envolver os pais para uma participação efetiva no processo educacional dos filhos. O resultado é uma carência de maturação da personalidade do educando, dificultando sua participação responsável na família e na sociedade. *Documentos da CNBB, 47: Educação, Igreja e Sociedade, 27.*

Presença histórica da Igreja educadora

Por condicionamentos históricos, o esforço das Ordens e Congregações Religiosas na educação tendeu a se concentrar nas cidades e no atendimento aos grupos urbanos incipientes, acomodando-se, muitas vezes, ao estilo de vida burguesa. Esta acomodação de uma parte das escolas católicas foi consequência da mentalidade predominante na forma de vida elitista de boa parte da sociedade brasileira. Não faltou, porém, a presença de muitas escolas católicas nos lugares mais remotos e pobres do país. Muito antes de o Estado chegar ao Oeste Brasileiro ou à Região Amazônica, já mourejavam aí educadoras e educadores, enfrentando situações adversas, fundados na força de suas convicções e de seu carisma educador. Tornou-se, assim, possível a rede de escolas católicas, que chegou a abranger a ampla maioria da escola brasileira em todos os seus níveis. Mais tarde, em anos bem mais recentes, surgiram novos desafios. Estes educadores religiosos, cada vez mais fortemente associados aos leigos e leigas, se mostraram capazes de enveredar por caminhos novos. Assim, por exemplo, no caso da educação popular e na tentativa de encontrar vias pedagógicas adequadas para o grave problema do menor abandonado. Também em casos mais específicos como no da educação em grupos de mães ou junto a setores étnicos ou marginalizados, foram se multiplicando iniciativas novas, dentro de uma visão bem mais abrangente e aberta da presença cristã no campo da educação. *Documentos da CNBB, 47: Educação, Igreja e Sociedade, 38.*

INSERÇÃO E PROFECIA COTIDIANA

EM BUSCA DE UM NOVO ROSTO PARA A VIDA RELIGIOSA

Ser profeta hoje é saber esperar todos os dias. Buscar a verdade sempre. A verdade é Jesus Cristo. Ninguém é dono dele.

Frei Moacir Casagrande, OFM Cap

1. *Onde estão os Profetas?* Parece que sumiram. Não há mais lugar para eles ou eles não mais existem? Esta queixa não é nova. Há 2.300 anos, já o salmista dizia: "Não há mais profetas e ninguém de nós sabe até quando" (Sl 74,9). O salmista daquele tempo procurava pelos profetas, porque eles eram o sinal de que Deus estava presente. O sofrimento era demais, mentiras e corrupção generalizadas. As mortes eram sem contas. Parecia que o inimigo estava solto, livre e ninguém ousava enfrentá-lo. Não havia profetas.

Representantes das Comunidades Religiosas Inseridas em Meios Populares (CRIMPO) do Cone Sul, reunidos em Assunção, tam-

bém se perguntaram sobre profetas e profecias. Cadê os profetas? Onde estão eles? Tínhamos grande esperança no impulso que Medellín e Puebla deram à opção pelos pobres. Tínhamos grande confiança na profecia da Vida Religiosa Inserida em Meios Populares. Investimos muito, mas parece que as forças da morte são mais fortes.

2. *Buscando Luzes.* Fomos chegando, cada um do seu país, de sua região, trazendo na bagagem muitas interrogações, algumas esperanças e um punhado de experiências para partilhar.

Começamos como os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), partilhando as angústias, fazendo um

desabafo. Constatamos que pelos nossos países: Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, está acontecendo como que um "inverno", e isso está afetando a Vida Religiosa Inserida (VRI). Constatamos também uma descrença e um cansaço geral. É uma descrença que imobiliza. As promessas que geram esperanças passaram: algumas porque eram falsas, outras porque não tiveram forças, outras porque foram podadas ao florescer. O povo cansou de acreditar. Os(as) religiosos(as) cansaram de recommençar. Muitos(as) se deram de corpo e alma a um trabalho que parece ter ficado sem resultado. Os operários das primeiras e segundas horas estão cansados. Pagaram o preço de quem ousa denunciar as injustiças dos que mandam na sociedade latino-americana e, como os discípulos de Emaús, entram em crise.

Afinal de contas, erramos, nos enganamos ou é assim mesmo? Refletindo e analisando os fatos, com mais calma, descobrimos que muitos profetas morreram mas a profecia não. Eles morreram mas suas vozes continuam vivas, com a mesma força e intensidade que saiu de suas bocas.

Recorrendo à voz dos profetas encontramos luz para esclarecer nossas dúvidas. Descobrimos que o fogo está apagado, mas as brasas estão acesas. Ninguém vê, mas ele não morreu. Há cinzas por cima delas. A cinza sobre as brasas é uma maneira inteligente do fogo sobreviver. Quem só usa, fogão à

gás não entende, mas quem usa fogão a lenha e fogo de chão, entende muito bem de que estou falando. As brasas estão acesas, porque nossos corações continuam ardendo. Mesmo quando não sabemos bem o que fazer, continuamos agindo.

Os profetas nos davam caminhos, luzes e certezas. As profecias nos dão compromissos, desafiam a sermos caminhos, luzes e certezas. Chegou a nossa vez. A vez da profecia coletiva. Profetas isolados vão-se, um a um, mas a profecia comunitária permanece para sempre. Quando uma chama se apaga outra brasa se acende.

3. *Dificuldades.* Há um cansaço e uma descrença porque lutamos e não encontramos o resultado que esperávamos. Encontramos resistência até mesmo dentro de nossas casas. Os governos e a força das organizações multinacionais nos oprimem. Os políticos corruptos aliciam as lideranças com as quais contávamos e apropriam-se indebitamente do nosso jeito de trabalhar. Cansamos de buscar e criar soluções alternativas que depois são absorvidas e controladas por outros que as desviam dos verdadeiros objetivos. Enquanto o neoliberalismo se impõe através dos poderosos meios de comunicação social e de outros instrumentos, continuamos só com as forças da boa vontade, da teimosia e da fé, sem recursos econômicos e sem meios eficientes de comunicação. Temos dificuldade de articulação, pelas distâncias geográficas e pela

carência de recursos humanos e materiais, particularmente nas zonas interioranas, entre camponeses e indígenas.

Estamos cansados e faz inverno, porque ainda nos falta maior clareza sobre a Vida Religiosa Inserida e o trabalho pastoral. Qual é a pastoral da Vida Religiosa Inserida? É executar tarefas? Assumir assessorias e coordenações? Liderar associações e movimentos? Não será isso o que esgota, desanima e acaba com nossas forças? Precisamos descobrir. Estamos já a caminho. Para muitos se fortalece a convicção de que a pastoral da VRI é o próprio viver no meio dos pobres como eles, sendo semente ou adubo de esperança e de transformação, acompanhando com paciência, os passos por eles dados.

É necessário entrar para transformar sim, mas também para ser transformado. A solução não é levada, mas criada na convivência. Parece que estamos carregando peso demais, fazendo papéis de outros. Falta paciência em acompanhar o processo histórico da mudança. Apavorados com a enorme distância entre direitos e fatos, geralmente, nos entregamos com muita sede.

Cansamos, às vezes, porque nos sentimos no dever de mostrar serviço a outros que ficam pagando para ver o nosso fracasso. Verdade seja dita: o fogo não apagou e o coração continua ardendo sem parar. Está claro para nós, que este é o caminho, a saída, mas não

sabemos bem, como fazer. Alguns dentre nós gritam: "É por aqui"! Outros dizem: "É por ali"! Outros ainda, nos reclamam prudência. A caminhada se faz cada vez mais exigente. A medida que se avança aumenta a vigilância. O desafio é maior.

A profecia custa caro, um preço maior do que estamos dispostos a pagar. "Nenhum profeta é bem recebido em sua própria terra", diz Jesus (Mc 6,4). Isso também acontece fora dela (Am 7,10-17). Chegamos ao momento de aprofundar mais, passar da palavra denunciadora à palavra criadora. Falar com os fatos, com fatos nossos.

4. *Profecia cotidiana.* O nosso interesse pela profecia cotidiana aumenta à medida que descobrimos que a vida acontece no cotidiano. Os grandes momentos são feitos da soma dos pequenos. O extraordinário só acontece para quem vive bem o dia-a-dia.

a) *Nos profetas.* Como em tempos de crise em que as grandes figuras se calam, temos que buscar novos caminhos. Há o hábito de buscar ou criar expoentes que sirvam de guias e neles se apegar. Eles se vão e não há outros prontos. É preciso voltar ao campo onde estão as raízes da profecia. Aí constatamos a mesma palavra de Javé a Elias (1Rs 19,13-18). Desanimado, cansado e fugitivo, Elias reclama a Javé. "Os israelitas abandonaram a tua aliança, demoliram teus altares, mataram à espada os teus profetas; apenas fiquei eu.

Mas também a mim procuram tirar-me a vida". Elias está enganado. Isso fica claro na resposta de Javé "Eu deixei como resto em Israel sete mil homens que não dobraram os joelhos diante de Baal e que não o beijaram". Onde estão eles que Elias não localizou? Quem são eles que Elias desconhece? Elias pensa conhecer todo Israel, estar por dentro de tudo. Quem são eles? São os profetas da resistência. Não fizeram nenhuma grande obra, mas no dia-a-dia ganham a vida e fazem a história com simplicidade, justiça, zelo e dignidade. São os que não gritam nem fazem propaganda, até porque não sabem falar bem, mas agem com a dignidade de profetas do Deus Vivente. Eles, profetas da resistência, calmamente constroem a vida no ritmo da justiça. Reconstroem, em pequenas peças o que foi derubado. Criam e recriam, inventam a vida.

b) *Na sabedoria.* Quando em Israel desapareceram os profetas, a vida continuou e Deus continuou nela. O povo foi à procura de sinais e os encontrou na sabedoria. A sabedoria, que no tempo dos profetas estava ligada às elites e ao poder. Foi descoberta em sua origem, na fonte onde ela brotava com toda a força. Hoje não é diferente. Muitos profetas calaram, mas Deus encontrou outro jeito de falar. Ele fala pela sabedoria popular. Ele fala aí na dona Margarida que diz a seu patrão intransigente: "Deus é grande! Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". O patrão endurece ainda

mais, mas Margarida não perde a ternura. A profecia continua de pé no seu Felizberto que depois de uma fracassada colheita de milho diz: "É, desta vez não deu... Paciência! Na próxima vai dar".

c) *Nos evangelhos.* Ser profeta hoje é saber esperar todos os dias. Buscar a verdade sempre, mas nunca querer ser o dono dela. A verdade é Jesus Cristo e ninguém é dono dele. É aceitar que Deus extrapola nossos esquemas. É estar no meio do povo não para ter poder, nem para aparecer, mas para que o povo tenha e exercite o poder (Lc 15,11-32).

Ser profeta é acolher amorosamente aos que nos chegam, mesmo inesperadamente, assim como o povo sempre faz. É recuperar o valor da hospitalidade neste mundo cheio de medo onde se busca segurança no isolamento. É estar aberto ao novo e ao inesperado que nos chega no dia-a-dia da vida. Viver o hoje como um presente de Deus. Reconhecer no povo pobre nosso patrão e servi-lo com respeito, carinho e dignidade (Lc 12,35-38).

Ser profeta é olhar a realidade, o mais simples, o que não tem valor aos olhos do mundo e ver nele a presença do Reino e do Mestre. É ter a coragem e a humanidade de aprender, de ter como mestre um marginalizado pela lei, pela sociedade, pela igreja; como nos propõe Jesus Cristo nesta passagem do bom samaritano (Lc 10,25-37).

Ser profeta é viver os conflitos criando vida nova. Tudo na vida

traz conflitos. É preciso tomar consciência e assumi-los. Profeta não é o que nunca cai, mas o que não fica caído. O que tem coragem de recomeçar. Ser profeta é também descobrir, valorizar e explicitar o valor redentor do sofrimento do povo. Sofrimento que é consequência das lutas pela causa da justiça, da verdade, da vida (Jo 12,23-28).

Ser profeta é entender que o povo pobre e necessitado é nosso mestre e juiz. É viver o hoje, como último dia, pois somos julgados pela acolhida que cada dia fizemos ou deixamos de fazer. É ser capaz de ver a vida presente no comum do cotidiano. É reconhecer com gratidão o que as pessoas fazem no dia-a-dia, mesmo que seja sempre a mesma coisa, pois a constância, a persistência, a fidelidade, também são profecias (Mt 25,31-46).

Não posso consagrar-me a Deus a quem não vejo se não me consagro ao irmão(ã) que vejo. Quem diz que se consagra a Deus que não vê e não se consagra ao irmão(ã) que vê, é um mentiroso (1 Jo 4,20).

d) *Em nossos dias.* Há milhares de homens espalhados por essa América Latina, gente simples, quase analfabeta, mas sábia e santa, que não dobra seus joelhos diante de ídolos que diariamente lhe são apresentados. Há muitos milhares de mulheres que não aceitam a vitória da morte e, dia após dia inventam um jeito de sobreviver. Apesar de condenadas por

um salário de miséria, a viver do lixo; apesar das campanhas, claras ou veladas de esterilização em massa, reinventam a vida. Usadas e abusadas, resistem e teimam em acreditar. A profecia diária da mulher é reconhecida por Santo Domingo nos números 90 e 104.

Num mundo criador e adorador de grandes ídolos, profético é voltar-se para os pequenos. Valorizar, optar e assumir os pequenos. O importante é ser pequeno, com a força, a dignidade, o espírito e o direito do grão de mostarda que se desenvolve lentamente, mas cumpre sua missão e chega a ser a maior das hortaliças.

No mundo da idolatria do sucesso imediato, ser profeta é saber esperar, construindo sólida e calmamente, com passos lentos e firmes o que se busca. Saber esperar hoje, é profetizar, denunciar os modelos que surgem da noite para o dia, apresentados para nós como ideais. Profetizar é convocar para a verdade e a justiça que se faz, olhando bem o caminho, para não pisar em alguém e nem ser pisado. A profecia de hoje continua sendo a da "Palavra que se faz gente". É o tempo da palavra-gente. Gente inteira que se faz palavra, que fala com a vida. A vida não é barulhenta, mas lenta, para ser firme e permanente. Ser profeta hoje é ser gratuito apesar da pobreza, é ser solidário apesar das pressões, é resistir e acreditar, apesar de tudo.

O processo da Vida Religiosa Inserida é o mesmo da "Palavra

que se faz gente". Uma paixão em vista de uma utopia. Um aniquilamento por crer na glorificação. Entregar, gastar a vida para não ficar só, mas produzir muitos frutos. Estar disposto a dar-se todo por todos para ganhar a muitos.

Vida que vale a pena se conquista com vida que se doa.

5. *No Espelho da profecia.* A Igreja é profecia no mundo. A Vida Religiosa é profecia na Igreja. CRIMPO (Comunidades Religiosas Inseridas em Meios Populares) é profecia que tem lugar próprio na vida religiosa. Tudo é profecia, mas cada qual em uma instância própria. CRIMPO é um dom do Espírito Santo à Igreja e à sociedade. Está no interior da Igreja, é dela, mas não se encerra nela. É para a sociedade, para o mundo. Esse estilo de vida é vivido por menos de dez por cento dos religiosos da América Latina, mesmo assim, foi o acontecimento que mais provocou a vida religiosa na América Latina nestes últimos anos.

CRIMPO é um projeto comunitário que se vai discernindo com um povo concreto, numa comunidade concreta. Não é projeto assistencial porque não se pode estar com os pobres de forma assistencial. É impossível morar com os pobres e ser assistencial. Não vamos ao povo para levar, mas para partilhar, estabelecer diálogo com ele. Estamos para descobrir, valorizar e ressaltar a riqueza cultural dos pobres e dela beber. Nossa me-

todologia é a mesma de Jesus Cristo com os discípulos de Emaús. Mais que ver a realidade, se escuta, se partilha, para isso é preciso estar próximo e participar dela. O pobre tem voz fraca, quando tem, por isso há que se aproximar o ouvido. Os olhos alcançam longe, mas o ouvido exige proximidade e sintonia. Primeiro há que se escutar os lamentos, as angústias, os apelos do povo e responder a isso. Não podemos dar respostas a perguntas que o povo não nos faz, nem dar soluções que ele não busque. No ver eu capto o outro. No ouvir é o outro que entra em mim. Temos que aprender o significado que o povo dá à fala, para que seja grávida de sentido. É preciso pegar o tom do povo. Já erramos muito, teimando em ver a realidade sem escutá-la. É importante ver, mas é imprescindível escutar. Quando só vemos e não ouvimos corremos um sério risco de nos apropriar indevidamente das coisas do povo. Nossa presença deve ser solidária, amorosa, afetiva e efetiva.

CRIMPO é um amplo processo, nunca acabado, de aprender os valores do Reino, de ouvir, sentir e ver seus sinais no e com o povo. Hoje não se pode mais falar de inserção sem inculturação. Fazer isso é ser obediente ao Espírito Santo.

6. *Profecia no inverno.* Vivemos hoje como que um "inverno", por isso temos que fazer o que é próprio do inverno: cuidar das sementes e das raízes, cultivar a terra e

alimentar a memória. O que isso significa? São muitos os significados desta expressão. Vejamos alguns.

a) *Origens do carisma e da fundação.* Fazer uma memória que não exclua ninguém pois a congregação que não faz a memória de seus irmãos(ãs) é homicida. Enquanto faz inverno é preciso se aproximar das origens, sentir a energia e o calor, sentir a vida pulsar.

b) *Valor e dignidade de ser gente.* Ter a verdadeira dimensão do que somos. Somos servidores do Reino, somos servos inúteis (Lc 17,10). Não somos donos de nada, nem do projeto histórico, nem das utopias, nem do profetismo. Somos porém, filhos de Deus, irmãos de todos. Temos a mesma dignidade, os mesmos direitos e deveres. Cargos, funções, níveis culturais, são elementos de integração para a riqueza da comunhão. Fazer o contrário é trair o Reino.

c) *A metodologia.* Ver, escutar, julgar e agir é a metodologia do Deus-conosco. Ele viu a opressão, ouviu os gritos de aflição, conheceu o sofrimento e desceu para libertar seu povo do Egito (Ex 3,7-10). Ele viu o sofrimento da viúva, comoveu-se e ressuscitou o filho (Lc 7,11-17).

d) *Teologia da libertação.* Cultivar esta teologia é um importante serviço da profecia de inverno.

e) *A eclesiologia.* Cultivar a eclesiologia da comunhão e parti-

cipação, muito bem explicitada em Puebla. Orientada pela cristologia do servo sofredor presente, concretamente, na opção pelos pobres.

f) *Solidariedade.* Apoiar as conferências nacionais de religiosos (as), pois elas congregam hoje na América Latina mais de 110 mil religiosas e 50 mil religiosos.

g) Cultivar a leitura orante da Palavra de Deus, humilde e a partir dos pobres.

h) Compartilhar a dor do povo.

i) Acompanhar concretamente as organizações populares, mesmo que sejam ambíguas. Estar aí presentes fisicamente, porque aí se dão as lutas e se geram as mudanças.

j) Acompanhar e potenciar as CEBs, em humilde serviço à vida, toda a vida, a partir dos últimos.

7. *O futuro das CRIMPO e as CRIMPO no futuro.* As comunidades religiosas inseridas em meios populares tem futuro no Cone Sul porque há uma volta às raízes dos carismas, uma aproximação das fontes e isso significa revitalização. Há um esforço de formação na inserção, uma preocupação de não desenraizar as vocações que surgem dos meios populares, isto é, fazer a caminhada da formação para a vida religiosa aí mesmo, onde elas surgem.

Há uma busca de articulação. Um exemplo é a própria Assembléia das CRIMPO Cone Sul. Os encontros nacionais e regionais

também são cada vez mais frequentes apesar de tantas dificuldades. É preciso unir as forças.

As estruturas tradicionais da vida religiosa estão em crise, o que obriga a buscar novas alternativas e nisto CRIMPO é um caminho. Além disso, a própria realidade sócio-político-econômica que nos atrapalha, nos interpela, desafia; nos obriga a ser criativos.

A realidade nos desafia e nós respondemos a esse desafio reafirmando opções e buscando novas. Nosso futuro está em estar presentes lá onde a vida é mais ameaçada. Isso quer dizer que para as comunidades inseridas, estar presentes entre os pobres não é mais suficiente. É preciso estar com os mais pobres entre os pobres.

Queremos buscar juntos caminhos de espiritualidade. Há uma espiritualidade para enfrentar cada desafio, mas não é possível fazer um caminho individual. Uma espiritualidade que não tem raízes na inserção não sustenta ninguém e nem se sustenta. Ela precisa seguir o processo do Verbo: humilhação e exaltação. Humilhação pode ser individual, mas a exaltação tem que ser comunitária. Posso descer só, mas não posso subir sozinho.

O desafio mais recentemente percebido é o do compromisso das CRIMPO com a ecologia. Optamos por reunir esforços, estudar mais a fundo essa questão. Nossa inserção tem por objetivo o homem, a casa do homem e o espaço do homem. Homem novo, casa no-

va, ambiente novo. Nosso compromisso é com a harmonia em todas as dimensões. Começando pelos restos que é onde está a maioria de nossos irmãos. Nesse sentido vamos reunir nossos esforços até 1995 quando acontecerá a próxima Assembléia, na qual trataremos de inserção e ecologia.

QUESTÕES para ajudar a leitura individual do texto ou para o debate em comunidade:

1. *Em tempo de cansaço para diferentes tipos de ação pastoral e formas de vida religiosa, o que a leitura orante dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35) pode contribuir para discernir sobre os eventos que geram este desânimo? Podem ser percebidos sinais de "cansaço" em sua comunidade concreta?*

2. *Os grandes movimentos são feitos da soma dos pequenos. Desta forma a dimensão profética da vida consagrada passa pelo cotidiano, pelo dia a dia, iluminado pelo Evangelho, pela Sabedoria, pelos Profetas, pela realidade. A partir do texto do artigo, o que cada um destes segmentos de experiência iluminam nossa caminhada?*

3. *Viver a profecia no "inverno", como diz o autor, implica em cuidar das sementes e das raízes, cultivar a terra e alimentar a memória. Dos sinais apresentados, quais são aqueles que poderiam provocar para sua congregação ou comunidade uma nova "primavera"?*

ESCOLA: TEMA RICO E DESAFIADOR

O problema central da Escola Católica é o seu enfoque cultural, ou seja, seu reflexo integral sobre o homem para melhoria da sociedade e do mundo.

Pe. Marcos de Lima, SDB
Rio de Janeiro, RJ

— *Verdadeiro o título acima?*

Sim. A instituição escolar é matéria para competente reflexão em encontros e reuniões de revisão e de formulação de projetos. Mas não é tema simples e pacífico. Para a renovação de muitas Congregações é tema vital. Impossível falar de revisão sem que a Escola surja no centro do discurso. Hoje, no Brasil, quando se fala de apostolado juvenil, o componente escolar tem relevo especial porque é nele que muitas forças estão solidamente empenhadas.

— *Por que este relevo?*

A Escola constitui meio privilegiado de educação da juventude, elemento válido de promoção popular, ambiente de evangelização de particular eficácia. Sem ignorar os seus limites, urge garantir à Escola competência e qualificação, zelar pela sua incidência educativa e eficácia didática para que responda às novas exigências pedagógicas e, sobretudo, pastorais. Pedagogia e Pastoral, perspectivas diversas mas complementares que configuram síntese válida e possível.

— *Em lugar de Escola não seria, então, mais adequado falar de Educação?*

No sistema educativo de nossas complexas sociedades, há preponderância da instrução sobre as intenções educativas. Há separação entre programa escolar e preocupação relativa à vida. Acresce que são numerosas as agências, visíveis ou não, em concorrência, que relativizam a in-

fluência e o valor real da Escola como ação educativa. Mas não há como desconhecer que a Escola ainda é o ambiente em que a educação pode ser inserida subliminarmente numa visão de vida que vai sendo tecida mediante o aprendizado das várias matérias. Mas esta vantagem não é automática. Deve ser intencionalmente visada. Donde a necessidade de repensar o conteúdo e o enfoque das matérias, os programas de ensino religioso explícito, a experiência do compromisso cristão.

— *Há dificuldades com relação à Escola como agência de educação da fé?*

Sim. Estamos vivendo uma *crise de transição cultural*. A realidade humana está em movimento, de forma acelerada. É o início de uma nova época histórica em nível planetário. Já se fala em 'pós-modernidade', ou seja, um tipo de cultura apoiada na convicção de que a razão humana progredirá ao infinito ocupando o antigo espaço reservado à transcendência. Constata-se um intenso clima de subjetivismo, relativismo, pluralismo... onde a própria fé se diz ultrapassada e a missão da Igreja obsoleta. Não se vê ainda, com clareza, como a queda de falsas certezas, ideologias e mitos sociopolíticos elevados à condição de religiões seculares, se constitui em argumento verdadeiro de esperança, ressaltando a fé cristã como o único ponto de referência estável e promissor que ilumina, defende e promove um verdadeiro humanismo que dá sentido à vida e à história. Neste panorama de transição cultural, a Escola torna-se um resultado. Urge, portanto, cuidar, primeiro, desta cultura emergente. E a Escola é mediação metodológica adequada para a evangelização da cultura.

— *Esta crise de transição cultural repercutiu na Escola?*

Repercutiu e repercute, da maneira mais profunda, na Escola e nos educadores. Houve quem ficasse deslumbrado diante das novidades culturais. Mas não sugeriu respostas apropriadas aos urgentes desafios. Se para a solução de problemas práticos se levantaram dados objetivos, para a solução dos problemas vitais, as grandes interrogações da existência: sentido da vida e seu enfoque ético e religioso, de prático e institucionalmente, nada se fez. Tudo ficou marcado fortemente pela subjetividade.

— *A Escola Católica vive hoje um tempo de procura?*

Sem dúvida. Mas ela crê firmemente que não é um resíduo de tempos superados. Crê profundamente que não representa, em absoluto, um papel de suplência. Pelo contrário. É uma contribuição original e preciosa para a vida da sociedade, um direito inalienável para a pessoa. A Escola Católica possui pontos de vista indispensáveis para o amadurecimento cultural de quem quer que seja. O Estado que arroga a si o monopólio escolar vai além de seus direitos e ofende a justiça. □



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de setembro de 1993

A Palavra de Deus é a fonte primordial da **espiritualidade, isto é, do agir humano vivificado pelo Espírito**, porque gera, irriga, mantém e renova a fé. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. E a fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. Sem a fé, a Vida Religiosa é uma via de acesso a obstáculos sempre maiores até o momento em que se perdem de vista todos os horizontes. É o naufrágio. Sem a fé esta Vida é uma charada simplesmente indecifrável. Para quem crê, porém, ela se parece com um jogo de xadrez. É difícil. É empenhativo. Mas não insolúvel. É fascinante. Seu destino pode ser uma grandiosa epopéia. Frente, pois, à **Palavra de Deus que gera, irriga, mantém e renova a fé**, crer naquilo que se lê. E ler para ampliar aquilo que se crê. Traço definidor do discípulo que segue Jesus para continuá-lo é a assiduidade na escuta desta Palavra (At 2, 42).

— *Moisés falou ao povo, dizendo: Lembrem-se de todos os caminhos pelos quais o Senhor seu Deus os fez andar nestes quarenta anos pelo deserto, para os humilhar e provar, para conhecer suas intenções e saber se guardariam ou não os seus mandamentos. Ele os fez passar fome; depois os alimentou com o maná, que nem vocês nem seus pais conheciam, para lhes ensinar que não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor. Não se esqueçam do Senhor seu Deus que os libertou do Egito, do antro de escravidão. Foi ele quem os conduziu através do deserto, vasto e medonho, cheio de serpentes venenosas e escorpiões, uma região seca e sem água. Foi ele quem fez brotar água do rochedo duríssimo e lhes deu a comer no deserto, Dt 8, 2-13.14-16.*

**Lembrem-se de todos os caminhos.
Não se esqueçam do Senhor, seu Deus.**

Insistência na restauração da fé dos antepassados. A volta às fontes. A referência ao vigor das próprias raízes, **ao passado que orienta e inspira e tem futuro**. A memória não é arqueologia. Em chave profética, ela lê o passado e nele identifica valores perenes, sem ocaso. Não romper, pois, simplesmente com o passado nem depreciá-lo sistematicamente. Quando esquecido, o passado se vinga. Se devidamente considerado, torna-se testemunho e advertência ao que é e ao que virá. Não há passado recolhido, com tranquilidade passada, em definitivo. Reconhecer, então, a atualidade do saber antigo, porque tudo leva o tempo para o passado. Lembrem-se... Não se esqueçam...

**Quarenta anos pelo deserto vasto e medonho, cheio
de serpentes e escorpiões, região seca e sem água.**

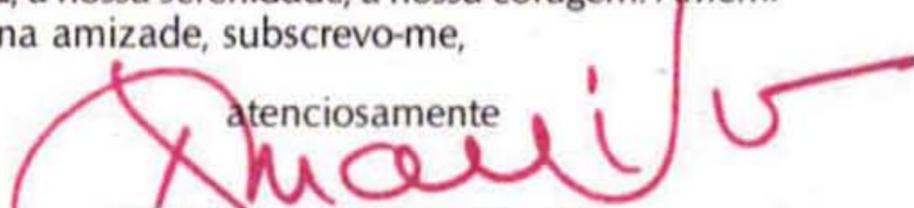
Existem situações, de ordem material e espiritual, pessoal, familiar e social, nas quais qualquer esforço do homem, mesmo com genialidade, de nada serve. Defrontamos com nossa insuficiência e nossos limites estruturais. É a hora do reconhecimento humilde de **nossa dependência de Deus** e de proclamar o seu poder. É na impossibilidade humana que a força de Deus manifesta todo o seu poder. Dito na linguagem poética e bucólica do profeta, no vigor da simplicidade da metáfora botânica: 'Saberão todas as árvores da floresta que eu sou o Senhor', Ez 7, 22-24. Confiança, pois, sem limites e sem reservas, com liberdade e amor.

**Alimentou-os com o maná. Fez brotar água
do rochedo duríssimo. Deu a comer no deserto.**

A Providência divina. Deus não abandona ninguém nos seus apertos. Mas, também, Deus não gera um mundo novo — novos céus e nova terra — sem a nossa participação. Se há responsabilidade pessoal e nosso concurso ativo, Deus credita mérito. Se há omissão e nossa exclusão voluntária, demérito. **Nosso empenho não é opcional**. Nosso agir é inseparavelmente vinculado à ação salvífica de Deus. Deus sempre pode sozinho, mas ele quer contar conosco. Ó impenetrabilidade dos caminhos de Deus!

JESUS, que veio, sempre vem quando invocado, e virá definitivamente naquele tempo, que se aproxima, conhecido só de seu Pai, seja a nossa **PAZ**, a nossa serenidade, a nossa coragem. Amém. Ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente


PE. MARCOS DE LIMA, SDB